ILUSTRAÇÃO

2.º ANO
NUMERO 33

Lisboa, 1 de Maio de 1927

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VERAMON

Se sofre de dôres é porque o quer.

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coracão. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

SCHERING SCHERING

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

Preço: 20 por Esc. 6$50
Qualidade: DE RESZKE

Nestas palavras está resumido o caso do cigarro que alcançou o record da procura, no minimo espaço de tempo. E' suficiente ouvir falar da existencia DE RESZKE *Virginia* para que todos desejem experimenta-lo e o veredicto do seu gosto justifica a sua fé.

Todos os cigarros que teem o nome DE RESZKE, devem ser o melhor da sua clase, senão o valor do nome — que até hoje não tem rival — ficaria prejudicado. É esta a garantia de que o *Virginia* DE RESZKE, conservará sempre as suas optimas qualidades.

DE RESZKE
"VIRGINIAS" e "TURKS"

A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAIS TABACARIAS

Preço:				LISBOA	PORTO
10	cigarros	por	Esc.	3$25	3$50
20	„	„	„	6$50	7$00
50	„	„	„	15$00	16$00

Distribuidores em Lisboa: TABACARIA INGLEZA — Distribuidores no Porto: M.º CROBIE & PEIXOTO

Leiam todos

O

MAGAZINE

BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

Unico
no seu género
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 5.º Número

CONCURSO LITERÁRIO

Está decorrendo o prazo, que, abrangendo o período exacto dum ano, teve começo em 1 de Outubro de 1926 e findará a 30 de Setembro próximo futuro, para os

ROMANCISTAS E NOVELISTAS PORTUGUESES

apresentarem seus trabalhos ao certame aberto nas páginas desta revista e para o qual instituimos dois prémios pecuniários de

5.000$00 cada um.

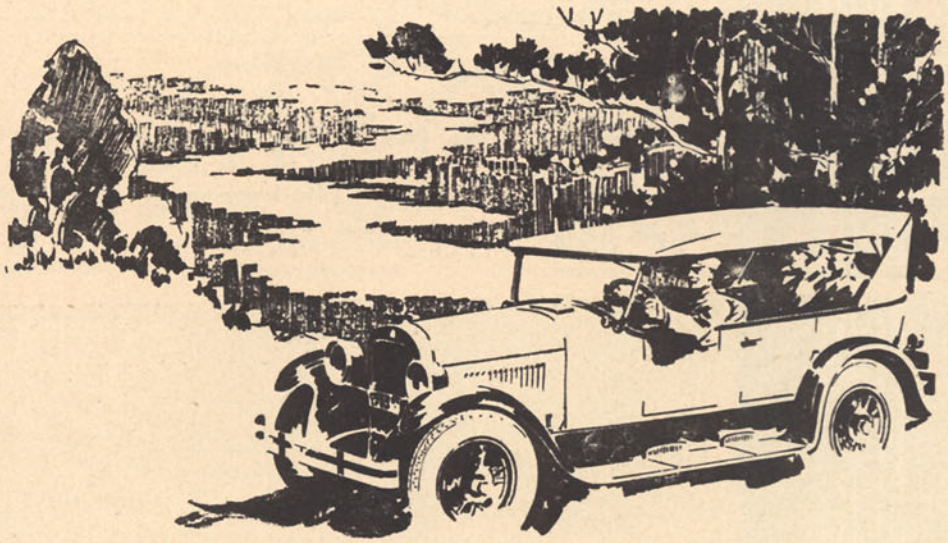
As bases definitivas em que assenta êste nosso concurso são as seguintes: 1.ª — Só podem concorrer os livros originais, de romances ou novelas, cujo texto exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e editados em Portugal, tenham vindo ou venham a lume dentro do prazo acima determinado; 2.ª — Os editores dêsses livros terão de enviar-nos cinco exemplares de cada um dêles, para serviço do júri que os classificará, escrevendo nitidamente no envólucro: «Para o Concurso Literário da Ilustração*».*

Os dois referidos prémios competirão: um, à obra que um júri de consagrados homens de letras eleger como a mais perfeita, já quanto ao assunto, já quanto ao estilo; o outro, à obra que, mediante votação dos leitores desta revista, fôr indicada como a preferida do público, ou seja aquela que mais profundamente impressionou seu espírito. Desta maneira, a crítica e o público usarão do direito, igual em ambos, de se pronunciarem sôbre a matéria. Ajustar-se-ão suas sentenças, proclamando vencedora a mesma obra, em glória e proveito do mesmo e único escritor? Improvável mas não impossível, tal hipótese, a verificar-se, não conteria a nota menos curiosa do nosso certame. O apuramento dos seus resultados será feito nas vizinhanças do 1.º de Dezembro dêste ano de 1927, data em que, pela vez primeira, se vai celebrar em todo o Portugal a

FESTA DO LIVRO,

que é também iniciativa nossa e de cujo programa, ainda sob estudo, êste Concurso não constitui senão um dos principais elementos.

Para o certame em referência, disputando seus prémios, inscreveram-se até a data quatro livros, a saber: Solteiras e Sem Estado, *ambos do sr. dr. Vaz Ferreira;* Andam Faunos pelos Bosques, *do sr. Aquilino Ribeiro;* e Dever Sagrado, *do sr. João Amaral Júnior.*



A Importancia Do Bom "Serviço"

Premer o botão do mechanismo de arranque do automovel com a certeza de que o motor responderá quasi instantaneamente, mesmo com o tempo mais frio,—carregar no pedal dos freios e achal-os em effeito immediatamente,—começar uma viagem longa convencido de que se chegará ao seu termo sem o contratempo de desarranjos mechanicos,—saber que o automovel fará bom serviço durante annos sem dispendiosas reparações!

Isto é que é serviço digno de confiança e é isto que o publico encontra nos productos Dodge Brothers—serviço perfeitamente satisfactorio, um dos fundamentos mais importantes da merecida reputação da marca Dodge Brothers.

BERNARDINO CORRÊA, LDA.

SECÇÃO DE AUTOMOVEIS

LISBOA—PORTO—LOANDA

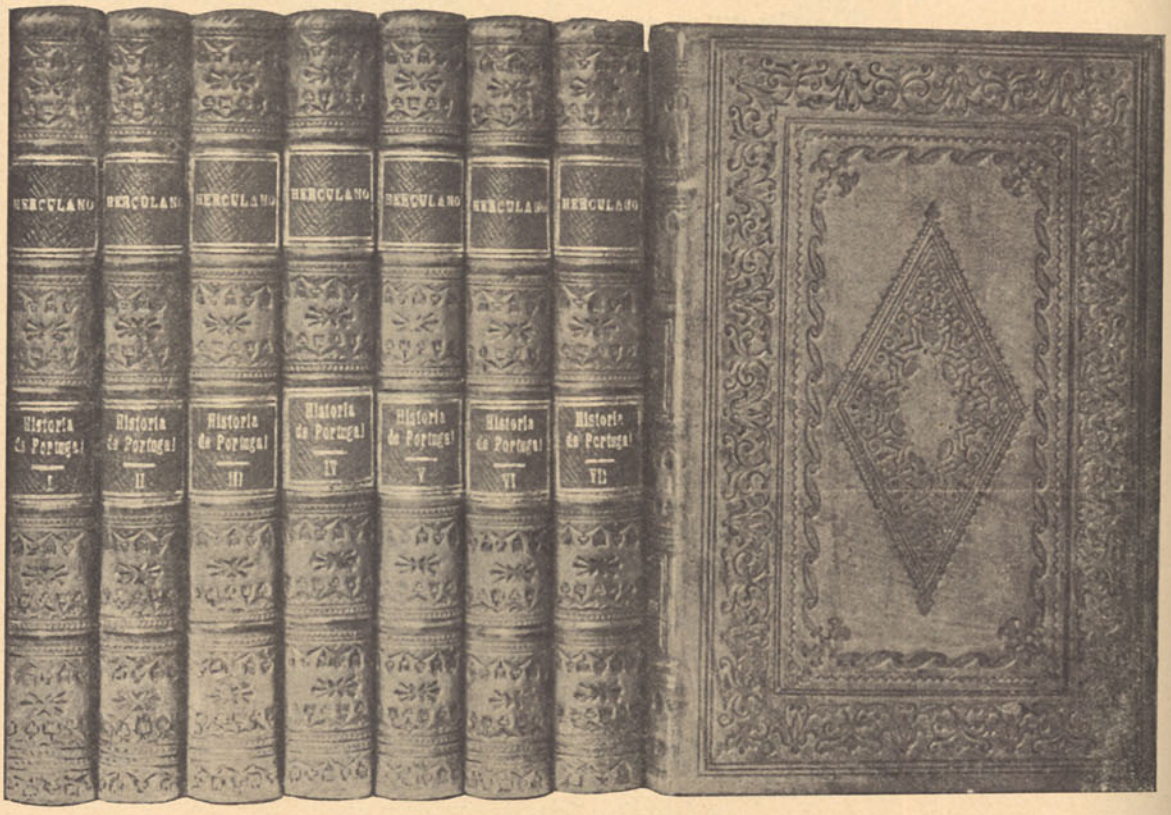
AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

Alexandre Herculano

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impressos em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

A SAIR EM MAIO O VOLUME I

Por assinatura: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

Preços em brochura: Continente e Ilhas, sem mais despesas, cada volume: **Escudos 10$00**

COLONIAS PORTUGUESAS

PAGAMENTO ADEANTADO

Incluindo porte, embalagem e despesas de cobrança, etc.

Depois de publicados os 8 volumes, só se venderá a Obra completa pelo preço de Escudos **80$00**

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos aos Editores

Livrarias Aillaud e Bertrand — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Ford

Lincoln Fordson

unicos agentes oficiais

OREY, L.DA

Rua 24 de Julho, 42 LISBOA Telefone: Central 97

IMPORTANTISSIMA BAIXA DE PREÇOS

Tourismo de 5 lugares: 14.500$00

Sedan de 5 lugares: 18.500$00

Tractor: 14.800$00

Camionete 1000/1500 k.os 11.750$00

Camion 2000/2500 k.os 20.000$00

Todas as unidades "**FORD**" são munidas do **vaporisador Holley**, para poderem trabalhar a **Petroleo**, tornando-se os carros **mais economicos da actualidade**

OREY, L.DA tem actualmente **o maior stock de peças "FORD", autenticas, do Paiz**

Ninguem compre sem consultar o unico agente oficial Orey, L.da para evitar adquirir peças falsificadas

Material agricola **Ferguson e Moline**

Fabrica de Carrosseries para Camions e Camionetes

Caixas de quatro velocidades **Ruckstell** para carros e camions **"FORD"**

Os autenticos

Saes de Fructos "SICLA"

os unicos que não amargam, nem irritam e são superiores aos seus similares.

Vendem-se nas boas farmacias

Exijam esta marca

SOCIEDADE DE INDUSTRIA CHIMICA LUSITANA SICLA LISBOA

Deposito geral: FERREIRA & NEVES L.DA
R. dos Bacalhoeiros, 121, 2.º
LISBOA
T. C. 268

A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & Cie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

PETROLE HAHN POUR LES CHEVEUX

PETROLEO HAHN

M. d. F.

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24$00 FRASCO PEQUENO 17$00
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: *J. DELIGANI, L.da*
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

Aspirador de Pó SIEMENS—"PROTOS"

O Aspirador de Pó Siemens-"Protos"

obteve o 1.º **PREMIO**
em prova de qualidade
O melhor e mais perfeito em todos os sentidos
Consumo por hora 150 watios
25 centavos aproximadamente

Preço: Escudos 900$00, completo

CABELOS BRANCOS

PREPARADO SCIENTIFICO
Usado por muitos medicos

Lustino', é o unico preparado scientifico de **combinação organica vegetal**, que devolve aos **cabellos a sua côr primitiva.** Os effeitos dêste especifico são tão interessantes que **muitos distintos medicos o usam** e o indicam na sua clinica.

Uma caixa póde ser usada por três ou mais pessoas ao mesmo tempo, e se uma teve **o cabelo preto**, outra **castanho** e outra **louro** a cada uma dará a sua côr primitiva com toda a naturalidade! Aplica-se por gotas pequeninissimas doses; **torna-se por isto mais economico do que um produto, cuja aplicação tenha de ser em maior quantidade e de demorados effeitos.**

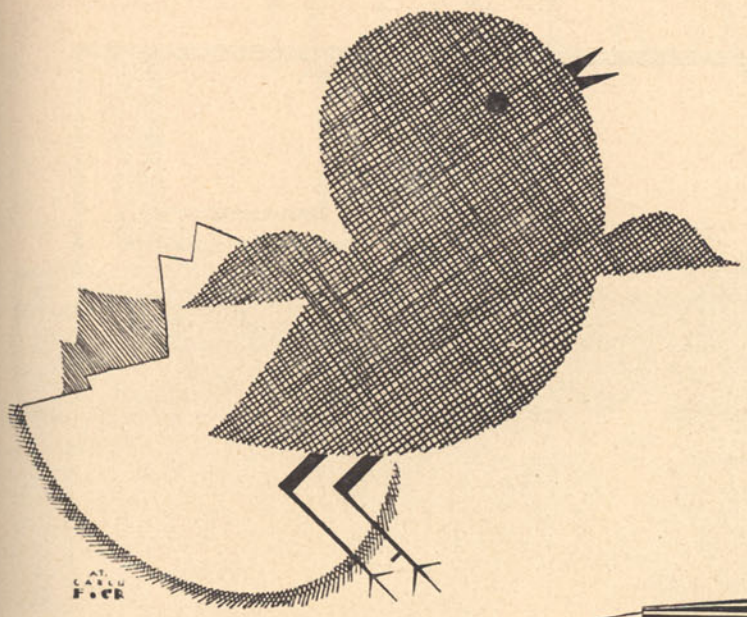
CAIXA 75$00 e 50$00
Remete-se pelo correio

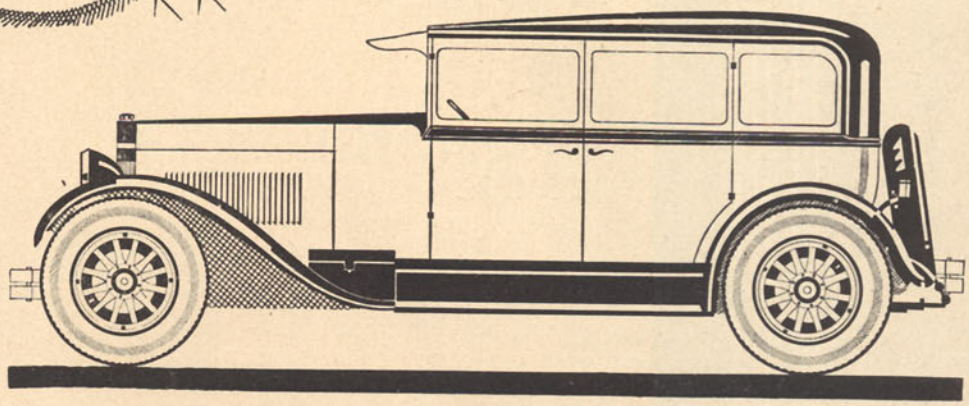
VENDAS:
Deposito-R. da Prata, 272-LISBOA
Laboratorio Português de Produtos de Higiene
PORTO — Rua Alegria, 779

Preciosidade Bibliografica

Um livro de 1570 — O primeiro atlas geografico que se compilou — *Theatrum Orbis Terrarum* — por Abraham Ortelis; primeira edição colorida à mão e com iluminuras. O texto é em latim, explicando 93 mapas elaborados em Antuerpia, a documentar toda a sciência do tempo que a arrojada viagem de Fernão de Magalhães, já havia lançado em novas concepções de cosmographia. — Vende-se e dão-se informações nas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND





O novo descendente duma raça famosa o carro que se destaca pela sua elegancia. O carro pratico por escelencia.

6 cilindros - 12 HP - 5 logares - 100 km. á hora
10 aos 100 kilometros.

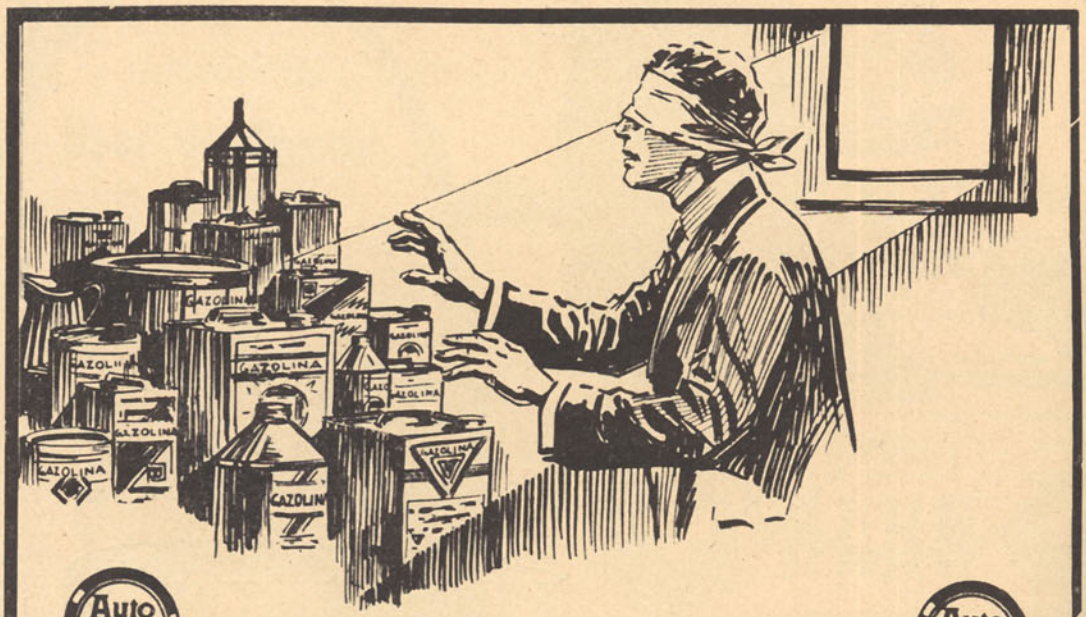
O Erskine Six, vedeta incontestavel das Exposições de Paris e Londres, o primeiro carro de caracteristicas europeias construido na America, alia á robustez e longevidade, qualidades que tornaram a construcção Studebaker universalmente reputada, os requintes da tecnica mais moderna e a distinção duma obra d'arte.

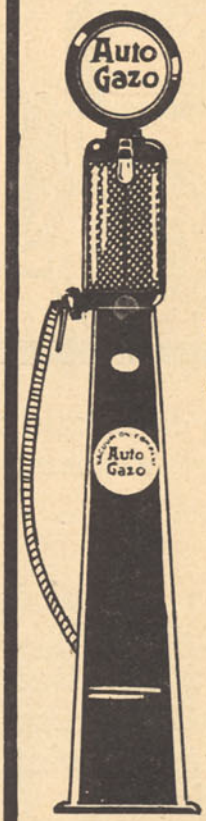
ERSKINE SIX

ERSKINE

E. A. 40

C. SANTOS, LD.ª.
LISBOA Rua Nova do Almada 80, 2.º.
PORTO : Praça da Liberdade Edificio da Nacional.





AUTOMOBILISTAS!

NUNCA COMPREM GAZOLINA ÁS CEGAS.

Uma gazolina qualquer não pode dar os bons resultados que V Ex.ª espera tirar do seu carro.

Um bom automovel merece uma gazolina de qualidade superior e um carro usado exige-a.

Cada gôta de AUTO-GAZO representa mais força no motor e mais entusiasmo pelo automobilismo.

O seu carro andará melhor se V. Ex.ª empregar so

Auto-Gazo

a gazolina que inspira confiança

VACUUM OIL COMPANY

15, RUA DA HORTA SÊCA, 17-LISBOA TELEFONE 980 TRINDADE (7 LINHAS)

GARGOYLE

Mobiloil

Guie-se pela nossa tabella de recommendações

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA
DO ANUARIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º—NÚMERO 33

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE MAIO DE 1927

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA

CONFORME O COSTUME DOS ANOS ANTERIORES, É NO PRÓXIMO DIA 13 QUE SE REALIZA A PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO DO ANO À CHARNECA DE FÁTIMA, AO LOCAL, CONHECIDO POR COVA DA IRIA, ONDE SE ERGUE A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, QUE A PIEDADE CONSAGROU COMO PONTO DE ROMAGEM AUREOLADO PELO PRESTÍGIO DO MILAGRE

CRÓNICA DA QUINZENA

Cada povo tem, num dado momento da sua vida histórica, um problema que a todos sobreleva em importância, porque todos resume e sintetisa.

Constituidos em corpo de nação, violentamente separados de Castela, o nosso *problema nacional*, durante três longos séculos, consistiu em tornar firme a nossa independência. Nessa tarefa consumimos tanta energia, e realizamos tais feitos, que nenhuma página da história dos grandes povos é mais gloriosa que essa nossa, escrita com a ponta da espada, que era a pena com que habitualmente se escrevia naqueles tempos heróicos e bárbaros.

Veio depois a era das descobertas e conquistas, e então o nosso *problema nacional* consistiu em descobrir novos mundos, em conquistar outros povos, criando assim um império colonial, vasto como nenhum outro, e como nenhum outro difícil de manter num equilíbrio durável. O nosso *problema nacional* passou então a ser bem diverso do que fôra até aí. Terminara o ciclo das aventuras, dos sucessos épicos. Tratava-se agora, muito simplesmente, muito comezinhamente... de administrar. O continente era pobre, mas as colónias eram ricas, e uma parte dessa riqueza, trazida para cá, faria a nossa fortuna, garantiria, no tocante a necessidades de ordem material, a nossa felicidade. Não soubemos, tirar proveito das façanhas homéricas, e aconteceu-nos então como a certos fidalgos estroinas — abandonam ou alienam os bens que poderiam sustentá-los, e guardam, apenas, com enternecido carinho, os títulos de nobreza, que só lhes sustentam... as prosápias.

Em 1580, enfraquecidos pela desastrosa aventura de Alcacer Kibir, enrolados numa intrigalhada de direitos dinásticos, sem elevação nos espíritos, sem nobreza nas almas, caímos sob o domínio da Espanha, que só então conseguiu reunir sob o mesmo sceptro todos os povos da Península Ibérica. O nosso *problema nacional* passou então a ser êste — reconquistar a independência e autonomia da Pátria.

O *primeiro de dezembro*, foi o amanhecer breve duma noite longa, uma grande noite de sessenta annos. Em combates sucessivos, durante um quarto de século, afirmámos aquelas qualidades másculas, de bravura indómita, de que tinhamos dado mostras em luta com Castela, nos últimos séculos da Idade-Média. Vencemos, reconquistámos o nosso lugar no concêrto das Nações europeias. Já então nos tinha invadido a lepra jesuítica, já o polvo da Companhia de Jesus nos apertava com seus tentáculos. De modo que Pombal, o grande Sebastião José de Carvalho precisou expulsar Loyola, em nome da salvação de Portugal. Êle bem percebeu, o grande reformador, glorificado na história entre Aranda e Colbert, que a sua obra seria estéril se a mentalidade portuguesa continuasse a ser dirigida, isto é, deformada pela milícia tenebrosa de Santo Inácio. Vê-se agora, à distância de quási dois séculos, como os seus receios eram fundados e como a sua previsão era justa.

Nos princípios do século passado fomos invadidos pelos exércitos de Napoleão, que pretendia realizar contra a Inglaterra o famoso *bloqueio continental*. Tratava-se, mais uma vez, da nossa independência, que os ingleses nos ajudaram a defender trabalhando... *pro modo sua*, visto como os nossos fiéis aliados nunca dão ponto sem nó. A política que então nos impôs a Inglaterra preparou a emancipação do Brasil, mas o terrível Corso, açoite da Europa, na velha e pitoresca linguagem, não conseguiu pôr aqui, no trono de Afonso Henriques, um qualquer dos seus parentes ou generais.

Expulsos os franceses, assegurada a independência da Nação, travou-se o pleito entre o Despotismo já caduco e a Liberdade ainda balbuciante, entre o velho direito absolutista e o moderno direito constitucional. A *revolução de 20* criara a indispensável condição para êsse pleito se resolver sem violências de maior, e as subsequentes *Côrtes Gerais* formularam o estatuto jurídico da Nação, desembaraçada dum regime político que era uma sobrevivência bárbara. Iludida a solução lógica e racional do momentoso pleito que era, no momento, o *problema nacional*, veio êle a ser resolvido, definitivamente liquidado em Évora Monte pela derrota de D. Miguel. Desde então até 52 a vida nacional é uma agitação constante, uma desordem em família, os homens e os partidos acusando-se com ódio, dilacerando-se com fúria, muitas vezes sem dignidade.

O *problema nacional* era então, conforme o definiu a Regeneração, um problema económico. Não tinhamos indústrias, não tinhamos agricultura, não tinhamos estradas, não tinhamos caminhos de ferro. Também não tinhamos Exército, nem Marinha, nem escolas, mas para os homens daquele tempo só contavam as categorias económicas, em cujo quadro ou elenco não incluiam êstes elementos ou factores da vida social. Como também não tinhamos dinheiro, e as obras, quaisquer que elas sejam, não se fazem de graça, lançámo-nos doidamente no caminho dos empréstimos, criando uma dívida pública de grandeza desmesurada.

Durante os reinados de D. Luís e D. Carlos, sobretudo durante o reinado de D. Carlos, desencadearam-se as paixões e consequentes lutas políticas até quási ao desvairamento, paixões mesquinhas, porque eram a rivalidade entre pessoas ambiciosas, lutas sem uma finalidade nobre, porque visavam tão sómente à conquista do Poder. Nos últimos anos do reinado de D. Carlos os govêrnos não tinham fôrça, porque não tinham autoridade; os Parlamentos não tinham prestígio, porque não tinham competência. Não havia, no rigoroso significado das palavras, administração pública; havia expedientes de ordem administrativa, inspirados no desejo ou necessidade de manter as clientelas partidárias, famintas e sem escrúpulos. A vida pública era a desordem, e diziam os corifeus da Realeza que era também o crime. A ditadura franquista, que a desagregação dos partidos constitucionais tornara inevitável—essa ou outra—tornou possível o regicídio, convindo notar que antes do assassinato do Rei e do Príncipe já nos espíritos e nas consciências a Realeza tinha morrido. O *problema nacional*, na primeira década do século corrente, era iminentemente político. Ele absorvia, dominava todos os outros problemas da vida portuguesa, nenhum dos quais se poderia resolver satisfatòriamente sem que primeiro êle fôsse resolvido.

A revolução de *cinco de outubro* teve incontestável oportunidade histórica, e realizou uma aspiração nacional, que nuns incarnara como idea, noutros como sentimento, e a todos, pode dizer-se, se impunha como remédio a um mal crescente, que ia corroendo o organismo nacional, já atacado nos elementos nobres que o constituem. Por outras palavras, e sem nenhuma paixão de sectário — o movimento revolucionário de 1910 resolveu o *problema nacional* de então, que era, na sua substancialidade, um problema político.

Certo é que ao cabo dezasseis longos anos de República o País se encontra numa situação económica que é a miséria; numa situação financeira que é a ruína, sem indústrias e sem agricultura, sem estradas e sem caminhos de ferro. A percentagem de analfabetos é apavorante, considerando apenas como analfabetos os indivíduos para quem o saber ler e escrever é um mistério impenetrável como o da Santíssima Trindade. Faltam-nos Escolas, e a desordem no ensino, em todos os seus graus, é tamanha, que bem se pode afirmar ser êle o pior ramo da nossa burocracia, lamentàvelmente incapaz. Continuamos a ser tributários da Inglaterra em muitos milhares de contos que lhe compramos de carvão, em cada ano, e as nossas quedas de água, algumas de superior valia, como no Douro, continuam desaproveitadas, como se delas não precisassemos.

Pois bem; o problema português, na hora que passa, quer-nos parecer que não é económico ou financeiro, mas pura e simplesmente moral e pedagógico. Andam muito de rasto os espíritos, e as consciências chafurdam no atoleiro, perdida a noção do brio, profundamente obliterados os sentimentos de altivez, de independência e dignidade. A vileza dos homens corresponde a *effronterie* das mulheres, baralhadas as mais elementares noções de Moral, endeusado o Vício proteiforme, postergadas até as práticas de cortezia e delicadeza que são, na maioria dos casos, a esteriorização dum carácter bem formado.

Tal é, em nosso entender, o problema nacional, na hora angustiada que passa.

Como resolvê-lo?

BRITO CAMACHO.

ACTUALIDADES

O BANQUÊTE OFERECIDO AO CORPO DIPLOMÁTICO PELO SR. MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS — No dia 19 do mês findo realizou-se no salão nobre do Ministério dos Negócios Estrangeiros um banquête oferecido ao Corpo Diplomático pelo sr. Dr. Bettencourt Rodrigues, ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros. Esta festa oficial revestiu um especial relêvo, tendo a ela assistido o Núncio Apostólico e todos os Embaixadores e Ministros Plenipotenciários acreditados em Portugal

MAJOR DUVALLE PORTUGAL — Na Escola Académica realizou-se, em 23 de Abril último, uma festa de homenagem ao major, sr. Duvalle Portugal, o valoroso tripulante do «Argos» que sacrificou a sua cota parte de glória na viagem daquele avião, para facilitar a realização da travessia do Atlântico. A festa, que decorreu com grande brilho, presidiu o sr. Presidente da República, tendo usado da palavra o sr. Manuel Rodrigues Loureiro e o homenageado, que leu uma interessante carta do major Sarmento de Beires, narrando a travessia nocturna do «Argos», de Bolama a Fernando Noronha

ADRIÃO CASTANHEIRA — Promovido pelos professores e alunos da Escola Industrial de Fonseca Benevides, realizou-se no dia 24 do mês findo um almôço de homenagem ao ilustre professor e director daquela Escola, sr. Adrião Castanheira, tendo-se trocado afectuosíssimos brindes. Depois do almôço, realizou-se no edifício da Escola uma sessão solene, também em homenagem ao sr. Adrião Castanheira, em que usaram da palavra diversos professores e o representante do sr. ministro da Instrução. No átrio do edifício foi inaugurado um medalhão do homenageado

ACTUALIDADES

DR. JÚLIO DANTAS

O ilustre escritor e académico, sr. dr. Júlio Dantas, que em missão oficial visitou recentemente a Inglaterra, acaba de acrescentar à sua já vasta obra um novo e interessantíssimo trabalho, que constitui o volume intitulado «Cartas de Inglaterra»

DUAS EXPOSIÇÕES. — Em 16 de Abril último inaugurou-se no edifício da Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição anual da mesma Sociedade. A nossa gravura representa o sr. Presidente da República, na visita inaugural, acompanhado de alguns dos membros daquela Sociedade. — No Museu do Carmo foi inaugurada, em meados do mês findo, uma exposição de cerâmica artística executada sob a direcção dos distintos artistas Leopoldo Basttistini e Viriato Silva. A nossa gravura representa um grupo de assistentes à inauguração, entre os quais o sr. ministro de Itália e sua esposa

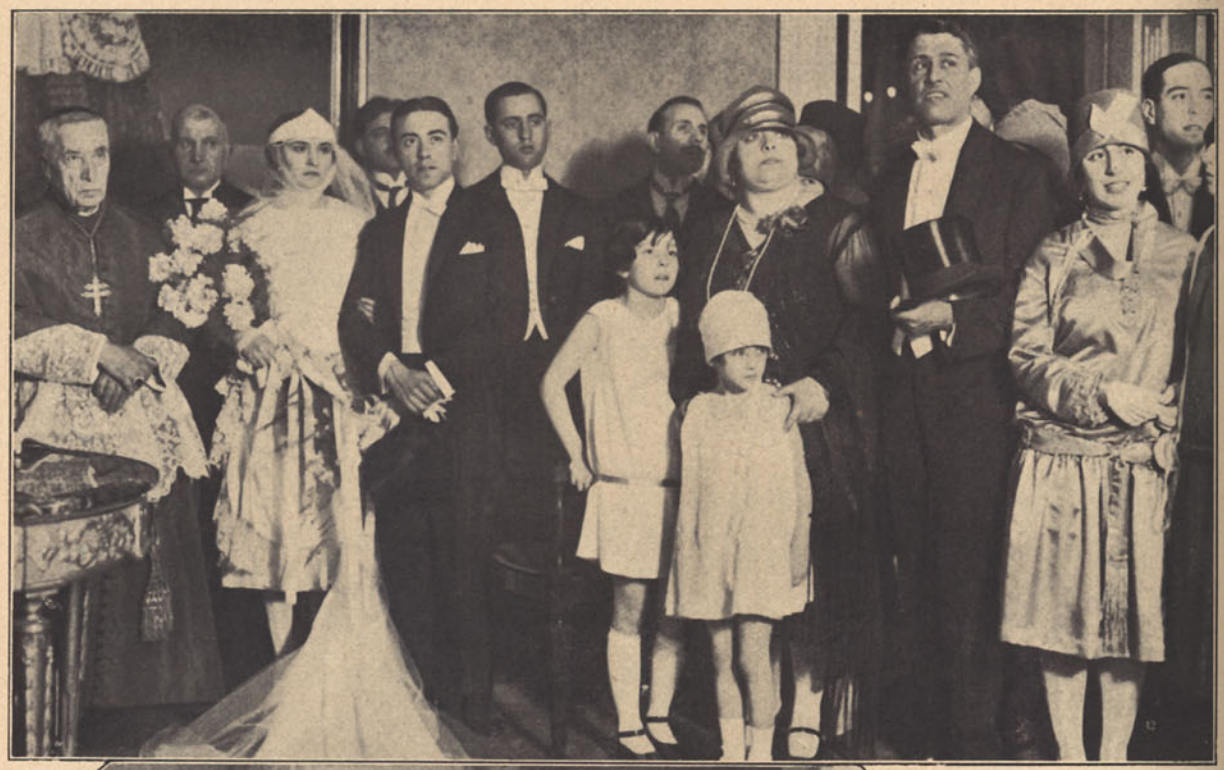
ACTUALIDADES

Em cima: — De passagem estiveram há dias em Lisboa várias individualidades de destaque na vida social, política e religiosa do Brasil. A nossa gravura representa um grupo feito no cais de embarque, em que figuram, entre outros, os srs: Sousa e Vasconcelos; Dr. Franklin de Almeida, secretário da Embaixada em Lisboa; Cipriano Lage, inspector de Consulados; Alves de Sousa, secretário da Embaixada do Brasil em Paris; S. Ex.ª Rev. o arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, Sebastião Leme; Dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brasil em Londres; Rev. Ochôa, secretário de S. Ex.ª o arcebispo; Dr. Lafayette de Carvalho e Silva, encarregado de negócios do Brasil em Lisboa e Amilton Pires, consul. — *Em baixo:* O aviador francês, capitão Marcel Heageln, com os aviadores e oficiais portugueses que assistiram aos seus arriscados exercícios na Escola de Aviação de Sintra

A Primavera das «Miss» — Depois das «miss» Portugal, França, Luxemburgo e Itália, que ocuparam as atenções neste começo de primavera, vem «Miss Lisboa», interpretada gentilmente pela actriz Luisa Durão, na revista «Secretário dos Amantes», em scena no Teatro Salão Foz

Excursão Académica — No dia 22 de Abril findo, partiu de Lisboa, em visita de estudo e diversão aos Açores, um grupo de estudantes da Faculdade de Medicina do Porto, que teve, por parte dos seus colegas de Lisboa, uma afectuosa despedida

SOCIEDADE ELEGANTE



Na capela do Paço Patriarcal, realizou-se no dia 20 do mês findo o casamento da sr.ª D. Helena Emília Teixeira de Sousa Costa, gentil filha da ilustre escritora sr.ª D. Emília de Sousa Costa e do consagrado homem de letras e nosso querido colaborador, Dr. Alberto de Sousa Costa, com o sr. Dr. António Mendes Belo Correia. Foi celebrante S. E. o Cardeal Patriarca

Na capela da residência da sr.ª D. Eugénia de Lemos da Silveira Viana realizou-se o casamento de sua gentil neta, a sr.ª D. Maria Josefina de Mac-Mahon Wrem da Silveira Viana com o sr. Nuno Pereira de Sande Sacadura Botte Côrte Real, primeiro tenente da Armada, tendo sido celebrante o Rev. prior de Benfica

DESPORTOS

HOCKEY EM CAMPO

O III CAMPEONATO DE LISBOA

Organizado pela Federação Portuguesa de Hockey, terminou já o campeonato de êste ano, ganho brilhantemente em 1.ª e 2.ª categorias pelo Sport de Lisboa e Benfica.

O calendário dos jogos foi organizado de maneira que, a última jornada do campeonato colocara frente a frente o Benfica e o Hockey Club de Portugal com igual número de pontos, apresentando pois êste desafio um verdadeiro aspecto de final.

O Benfica bateu o seu adversário pelo «score» de 3 goals a 0, resultado êste que não traduz bem o decorrer do jôgo pois que, a diferença entre os dois grupos não é de molde a que se verifique tal resultado.

O jôgo não foi bom ainda que fôsse sempre conduzido com grande animação e energia. Jogou-se duro, houve bastantes «fouls» e se não fôsse a arbritragem acertada de Estarreja e Barley, mais duro se teria jogado.

A técnica dos grupos portugueses é ainda quási nula. Muito gás, muita rapidez, muita vontade, mas muito pouco jôgo.

É rarissimo assistirmos a uma avançada conduzida em conjunto, obra de todo o «team.»

Os «goals» são sempre o resultado de fugas dos avançados, as quais certamente teem grande merecimento, mas pena é que os nossos grupos não procurem fazer um jôgo de passagens, evitando o corpo a corpo e abrindo o jôgo.

Joga-se em monte, joga-se hockey com o corpo, como se fôra foot-ball, quando se deveria justamente procurar evitar o mais possivel o choque entre adversários. É preciso distinguir o Hockey do Foot-ball, que são dois jogos inteiramente diferentes.

O grande mal dos nossos jogadores é justamente terem todos êles jogado foot-ball e realizarem aquilo que as leis dêste jôgo permitem, mas não o permitem as leis do Hockey.

A grande maioria dos jogadores, estamos convencidos de que o não faz propositadamente, mas adquiriram êsses defeitos, ou melhor, êsses vícios, que difícil se torna corrigir enquanto não houver entre nós uma escola, na qual se formem jogadores desde novos e se eduquem dentro das boas normas.

Aos árbitros compete também, em grande parte, o apontar aos jogadores os seus erros, pois que se o fizerem, marcando sempre a respectiva falta, contribuirão grandemente para que acabem certos «fouls» que hoje muitos julgam não o serem.

O «team» do Sport de Lisboa e Benfica, vencedor do campeonato

Uma movimentada fase do animadissimo desafio

Há quem nos tenha objectado que se assim fôra, o jôgo estaria constantemente a ser interrompido e perderia muito com isso.

Isso seria realmente assim nos primeiros tempos, mas temos a certeza de que pouco a pouco êsses êrros desapareceriam, pois que quem os comete é sempre prejudicado.

Outro ponto que queremos frizar é o dos terrenos onde se pratica o Hockey entre nós.

Não possuimos um único onde se possa jogar convenientemente e os clubs teem a obrigação de olhar para isto com muito cuidado, pois é êste um dos factores mais importantes para o bom êxito e desenvolvimento dêste sport entre nós.

Devem lembrar-se de que tem êste jôgo muitas qualidades para se tornar popular entre nós. Basta dizer-se que a assistência ao desafio Benfica-Hockey, foi calculada em mais de 3.000 pessoas. Isto constituiu um verdadeiro sucesso para aqueles que, como nós, dedicam o seu melhor esfôrço e boa vontade à causa desportiva.

Antes de terminarmos estas considerações, queremos saüdar o popular club das Amoreiras e em particular o director da sua secção de Hockey, sr. Vítor Lemos, pelo grande triunfo alcançado para as côres do Club.

Ganharam e ganharam muito bem, pois que a sua vitória é o produto de um trabalho activo, disciplinado e muito bem orientado.

São todos jogadores correctos, bons desportistas e dizendo isto nada mais temos a acrescentar.

Ao Hockey Club de Portugal, 2.º classificado do campeonato, enviamos também as nossas felicitações pelo lugar alcançado e pelo muito que tem também contribuido para o desenvolvimento do Hockey.

O BRASIL DE HOJE

ESTADO DE S. PAULO

Transcorre hoje, exactamente, o terceiro aniversário do govêrno do Estado de S. Paulo, que é o estado *leader* do Brasil, do grande Brasil actual, próspero e cheio de futuro, cada vez maior.

Sob a presidência do sr. Dr. Carlos de Campos e tendo como titular da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o sr. Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, a expansão económica do Estado de S. Paulo tem ido num aumento digno de registro. Os factos mais complexos que sempre colocam os governos em dilêmas difíceis, são resolvidos por S. Ex.ª, com segurança e clarividência, sem tergiversar princípios, sem diminuir direitos, sem melindrar interêsses.

Faz-nos lembrar, falando em democracia, aquele grande homem de govêrno da terceira república francesa, que foi Grevy, o democrata por excelência, que não deixou de ter como sua, a habitação da água-furtada daquele prédio do Quartier Latin e que tinha para todos os amigos de infância e de Universidade, propagandistas da república e rebeldes ao império, o mesmo sorriso, acompanhado do mesmo abraço para todos, sem menoscaso ou enfatuação.

O maravilhoso progresso de S. Paulo, coloca a sua capital, como uma das grandes cidades do mundo. A remodelação completa, feita em menos de vinte anos, representa a ânsia patriótica de que é dotado o paulista, para criar, engrandecer e nacionalizar por completo, os produtos do seu estado.

O valor da exportação anual dos produtos paulistas, para os outros estados, passa de 300.000 contos.

Um dos novos *arranha-céus*

Teatro Municipal e Hotel Esplanada

DR. GABRIEL RIBEIRO DOS SANTOS
Secretário da Agricultura

DR. CARLOS DE CAMPOS
Presidente do Estado

Praça da Catedral e prédio onde funciona o Teatro Santa Helena

A. ANDRADE—O Pântano

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

FONTE SANTA

A AQUILINO RIBEIRO

Um ano predestinado a eventos graves! Epidemias caíram sôbre a população das aldeias; a Grande Guerra estalara na Flandres e na África, num delírio de morticínios; e já, sob a inclemência duma estiagem estonteadora, parecia que a fome avançava a passos de gigante, — faceta derradeira dessa formidável trilogia da Dor!

O inverno fôra parco de águas, de maneira que as nascentes, mesmo as mais vigorosas, desincharam seu volume, mirrando-se a cada hora de soalheira como os doentes de tísica galopante em cada turno de um dia.

Sob a joeira de brazas do sol, a aldeia inteira clamava e gemia, de olhos virados à abóbada impassível, pedinchando misericórdia para gados, hortejos e pomares, a estiolarem-se nos deliquios queimantes da luz. E à hora estupenda do meio dia, a crosta terráquea, exalando bafos ardentes, dava a impressão de um peito núbio arfando, sufocado pela onda imensa de calor.

Oh, os extraordinários poentes abrazados!

Corria sangue pelas veias do Ar, sangue de matadoiro, fumegante, tingindo de cinábrio arvoredos e casais, banhando num rúbido mar os montes, como ilheus, e trazendo ao suor de cada fronte, pelo reflexo, um avermelhado de agonia que faria supor uma verónica em cada lenço.

A Natureza mostrava um ar extático de canceira funda. Não boliam ramas, nem vozidos. Tudo parecia esperar, como uma bênção divina, o pára-sol de veludo negro da noite onde sofrivelmente se amaciavam os ardores.

E não sei bem que impressão as estrêlas davam quando a anciada noite vinha: se rasgões no pano tenso da umbela protectora, se faúlhas sôltas da forja exaustinante do dia!

A aragem, se corria, era o sôpro de um fole por cima de uma chama. Até o orvalho das madrugadas, tão caro às fôlhas ressequidas, se evaporara na grande curva de ardózia do firmamento, que de todo perdera o aspecto lustroso de sedinha, e semelhava, nas labaredas da sesta, curveteado em aço.

O sr. P.e Francisco, (que era um razoável proprietário), já passeára mesmo pelas ruas o Santíssimo, em procissão, com a solenidade do pálio doirado e da casula rica. Em poz dêle, a gente rústica entoava ladainhas, choraminga-

das ao ouvido pouco vibrátil do Senhor, na esperança de que Êle se decidisse a dar aos campos a água necessária para as plantas medrarem.

Foi essa uma tarde típica da aldeia.

Ainda vejo as faces terrosas dos bons campónios, modeladas numa dor funda, as máscaras, de rugas fortes, bem vincadas, lado a lado das mulheres, que, desgrenhadas, desfiavam convulsamente rosários, umas descalças, outras osculando, por aviltante humildade, as próprias pedras dos caminhos.

O gordo pároco, cujas côres normalmente rubicundas de saúde se mostravam fanadas pela insónia, não ocultava a grande mágua ao mirar as suas courelas definhadas.

A nave taciturna e grave da tardinha, tôda erguida em góticas arcadas de púrpura sôbre o vale amodorrado, enchia-se daquele rumor de entêrro uivado por carpideiras, *ad petendam pluviam*.

Pelas janelas esconsas dos casebres, velhinhas benziam-se, beijando ao cabo o polegar da mão direita, alevantando os olhos ao céu ardido, ao céu congestionado, querendo, com suas lágrimas, tornar o orvalho aos eidos ramesêcos e às leiras devastadas.

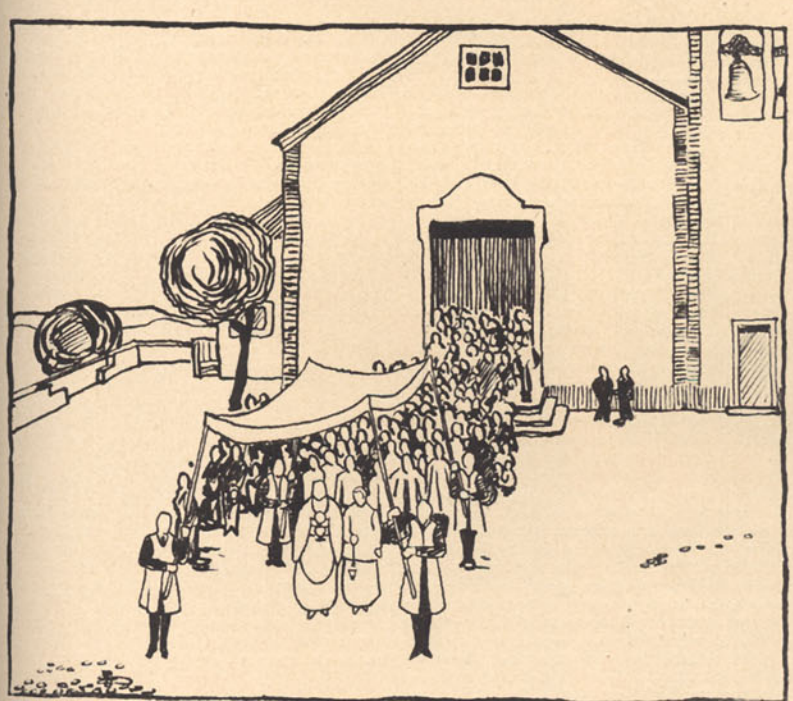
Depois da Peste, — a Guerra! Depois da Guerra, — a Fome!

P.e Francisco rebolava a sua obesidade eclesiástica pelas escabrosas azinhagas de pedra sôlta, impando de cansaço, bufando de calor, não obstante o respeito havido pelo símbolo bemdito que transportava em suas mãos.

A volta fôra longa, pela vontade que o reverendo tinha de chamar os favores do céu sôbre tôdas as suas *propriedades*.

Esbofado de canseira, escalmorrado do cálido sol-posto, o vigário, com a sem-cerimónia aldeã de quem muito priva com Deus, houve por bem sentar-se num banco de pedra, à sombra dum alto rochedo sobranceiro ao povoado, rochedo que erguia no tôpo o muro branco duma horta.

Nesse penedo solene havia, assinalado a cal em certa concavidade suave, um lugar sagrado: o santo padroeiro da aldeia aparecera ali numa remota manhã de primavera imaginosa, teimando em ter na freguesia uma excelente igreja com a respectiva côrte de fiéis.



Vinha de eras longínquas a tradição, e em verdade a freguesia pagava de sobra ao santo simpatia tão grande.

O sacristão, de barba forte a pungir numa pele de tomate, cabelo à escovinha, um lenço encarnado e amarelo pendendo da algibeira da batina, pousou também, impando, o turíbulo fumegante. E emquanto dos campos vinham, com o olor das terras enfartadas de sol, ladridos de cão impertinentes, e do grupo se despegava um nauseante cheirum a transpiração humana, (o perfume da *virilidade cívica*, dizia-me um dia, sensibilisado, um poeta democrata ..), rumorejava, tal qual um vento agreste esbracejando em quilómetros de pinhal, a ladainha chorada a que a voz do padre, temerosamente, punha trovões nos solos.

A paisagem desdobrava-se num vasto anfiteatro limitado ao fundo por uma corda de montes, e até ao vale, onde a aldeia branca enlanguescia, o terreno distribuia-se em socalcos arborisados, em linguetas de folhagens esmorecidas, amparadas por valados, no geito de estenderem da povoação até ali uma solene escadaria

Refeito o cura pelo descanço ao qual dera o pretexto de petições ao santo padroeiro no local onde êle se mostrara às gentes campesinas, o bando precatório das dádivas celestes sumiu-se, tropeando, como um rebanho escuro, atrás do pastor, pelos caminhos silvanos misteriosos do lusco-fusco, êsses idílicos caminhos que em tôdas as aldeias, pelas ribanceiras, docemente, nos levam sempre ao adro.

Pois bem! Dias passaram como brazidos fulgurantes. Deus deslumbrara-se com o dilúvio do sol... Sem dúvida, de todo haviam secado as apojantes e sacrossantas fontes do céu!

Os poços continuavam a esvair-se, deixando apenas na bacia do fundo uma babugem terrosa. O chão gretava, como pele ressequida. A populaça abandonava-se ao desespêro, crendo-se proscrita da graça do Senhor, quando, a súbitas, correu a voz de que no penedo forte que dera sombra ao préstito, por maravilha, um ôlho de água rebentara, vivo, cantante, e fresco, desbordando da poça da valeta para o caminho, e do caminho encharcado, subtilmente, para os socalcos sequiosos, correndo a humedecer umas leiras do prior...

Tão estupendo caso causou surprêsa a tôda a freguesia!

Foi uma romagem durante semanas! Todos duvidavam, e queriam ver, à laia de Tomé o corpo de Jesus, essa fonte singular que em sazão de calmas avernais assim brotava duma pedra espessa onde até agora só lograra medrar o liquem.

Todavia, já Moisés, numa jornada amarga da Bíblia, fizera jorrar água limpida da rocha árida do deserto .. Até certo ponto, um milagre justificava outro milagre.

De resto, aquele granito escurecido pelos séculos, era sagrado. A sua peanha dura servira de pouso a um santo!

Aventava-se mesmo que era em razão da santidade dêsse lugar que as terras sobranceiras, tão ferazes, não haviam sentido grandemente, nêsse estio calcinante, a míngua de água.

Beiços veneradores tocaram misticamente os musgos do miraculoso penedo, que se amostrava na feição dum altivo castelo roqueiro, velando pelo burgo contra os desígnios do Céu.

Todos os indícios levavam a crêr que era êsse, afinal, um ano cabalístico. Fenómenos dignos da Antiga Escritura se anunciavam por vale e monte, perturbações da vida normal a que só faltava a voz pungente dos Profetas... talvez pela simples razão de que ninguem é profeta na sua terra!

As mulheres que pariam gémeos, eram legião; num hortejo, certa espiga de milho prometia encher um alqueire de grão; um quintalório dera rábano tão gigante que sete pessoas, de mãos dadas, mal conseguiam abarcar a roda das suas ramas...

Êstes signos haviam alvorotado a nevrose colectiva... Por isso aquela água verdadeiramente inesperada veio acordar dum golpe os sentimentos religiosos dos rurais, que, tomando-a por emanação divina, se deram a atribuir-lhe milagreiras qualidades pseudo-medicinais...

O pai do sacristão, um pobre diado esquálido

e surdo que arrastava pelas mercearias e tabernas a sua lazeira de inútil alcoolizado, sugestionado pelo rumor das curas extraordinárias, (que não obstante ninguem ainda concretamente apontara), experimentou, a conselhos duma comadre, a amornecer a água da fonte nova numa chávena, e à noite, ao deitar, a botá-la nas orelhas.

Estupenda transformação! Foi como se lhe arrancassem uma rôlha dos ouvidos entaipados de cerumen .. Dessa feita a imundície derreteu, e de tão simples dissolução borbulhou o maior renome da linfa preciosa, renome que dentro em pouco havia de avassalar não só o logarejo, mas a província, — o que digo? — , o país, pois às tubas da Fama multiplicam interminavelmente pelos ecos os seus brados imortais!

Caravanas demandavam a nascente desde o romper da aurora ao crepúsculo da noitinha. Doentes de fígado, de estômago, de rins, nevrálgicos, reumáticos, cèguinhos...

A água a todos socorria com seus benéficos favores, tudo ela curava em uso interno e externo, em emplastros ou beberagens, nas eseripelas, nos bichôcos, nas espinhelas caídas, em qualquer moléstia humana!

Alguns pensaram mesmo em obter óptimos resultados aspergindo-a sôbre terrenos maninhos, predispondo-os à produtividade..

Como o surdo sarara a surdeira, éticos se encontravam robustos, oftálmicos divisavam claro, raquíticos se julgavam hércules, gafados se viam limpos, doentes de intestinos tornavam à boa digestão e ao apetite férreo...

Ah, a bicha dos mancos e sofredores, da miserável gentana aiante, e dolorida, desdobrava-se continuamente para o veio sacrosanto, — como uma tramposa cobra de anéis esfacelados arrastando-se com sêde!

Não mais as receitas torpes e as caras boticadas! Da «Fonte Santa», (o povo chamava-lhe assim), iam as garrafadas surpreendentes que semeavam o bem estar entre a população inquieta, constituindo um lenitivo à arreliante carência de chuvas e ao trágico fenecer dos campos.

— O que é o poder de Deus! arengava o antigo mouco à vasta obesidade do vigário. É pôr os olhos em mim... Surdo como porta, vejo-me escorreito!

Mal arranjo uns patacos, mando rezar uma missinha em acção de graças, olá! Que eu, que eu sou um pobre pecador, — que me dizem, senhores? — mas merecia, merecia, que diabo! Boas velas tenho dado ao santo padroeiro, e, emfim, — sou o pai do sacristão...

— Renda graças ao Altíssimo pela sua infinita misericórdia, homem! Deus tudo pode! Mande dizer a missinha, mande! E não se esqueça de dar também alguma coisa para as almas, coitadas, que já vai em três meses que não coalham vintem!

— Ai, eu bem tenho dito! Bem tenho dito! É por essas e por outras que para aí andam tantos espíritos pelos corpos das mulheres e das crianças! baforejou uma beata encarquilhada. Ainda ontem...

— Cale-se, criatura! resmungou P.e Francisco irritado. Olhe que ofende Deus! Isso de espíritos são tretas armadas ao dinheiro dos incautos! Quere dizer, lá que há almas penadas, há! Vem nos livros, e eu sei-o!... Mas êsses assuntos são com a Igreja! Não é com benzedeiras e patranhas que se levam as almas desencaminhadas ao Céu! Só quem tem o condão de expulsar espíritos malignos, é o pároco!

— O tempo tem refrescado um nadinha! interrompeu consoladamente um labrostes que se achegara ao grupo. E ainda há quem diga que não teem valor as orações ..

— Ora essa! Quem é que lhe disse que não teem? volveu abespinhado o reverendo. Então, pelo visto, o que é que tem valor?

— Cá por mim; acho que teem! esclareceu o outro. Mas diz o Gregório da botica que não... Lá me pareceu forte disparate! Sim, digam ao filho de meu pai porque é que as figueiras do sr. Prior são as melhores da freguesia, a pesar da estiage, e porque é que a água da fonte só corre para as suas leiras. .

P.e Francisco pareceu contente:

— Dizes bem, filho, dizes bem .. Muitas orações! Tem sido à custa de muitas orações! Passo algumas noites sem dormir, das arrelias nascem-me muitos cabelos brancos, mas Deus, por fim, — Êle é bom! — sempre se amerceia de mim!

Calou-se. O grupo, em volta, mostrou-se absorvido no valor das orações do abade, até que êle rompeu o silêncio com um portentoso brado:

— Sabem lá? Aquela água da fonte nova não há dinheiro que a pague! Ontem à noite carreguei um poucochinho mais no presunto, que (aqui para nós) está uma delícia .. Bebi-lhe uns copitos de genebra, para rebater, mas o caso foi que na cama não houve maneira de pregar ôlho, com uma tal dor no ventre que (salvo o devido respeito) parecia dor de parto! Um raio de indigestão como não guardo memória doutra em minha vida! E olhem que é moléstia de que sofro desde pequeno... Chás, mèzinhas, rezas, — e eu a saltar nos lençois, como se estivesse endemoninhado, e a encher o balde com vómitos de arrazar um boi!

Nisto, a minha tia Augusta lembra-se de mandar por água à fontinha nova, e (parece dos contos!), foi emborcá-la, de vagar, aos sorvos, fiquei mais são do que um pêro! O que dirão a isto os pedreiros livres?

O merceeiro, que viera há anos da Argentina, e era considerado cuscuvilheiro como fêmea de mandados, encorajou-se a responder à rotunda pregunta com que o pároco costumava sempre rematar as suas mais graves asserções:

— O que dizem? Ora adeus! Gente dessa tem sempre que dizer! Ainda há pouco, ali acima, ouvi um a berrar: «A água santa! A água santa! Apre, senhores que já é santidade!», e corre que vão mandar fazer a análise...

— Pois que façam a análise, mas à cabeça! gritou desaustinado P.e Francisco, não se sabe bem com que crua intenção. E, meus amigos, deram avé-marias, vou-me à ceia! Santas noites, santas noites! E muita devoção...

.

A água da Fonte Santa ganhara tôdas as conversas. Uma mulherzinha ingénua, visinha do manancial, garantia que não havia outra para lhe cozer as ervilhas...

Mas os casos culinários não chamavam as atenções... A sugestão milagreira assumia proporções mais vastas. Só o Gregório boticário, positivista rubro, que amava pisar a linhaça cantando os compassos da *Internacional*, jurara atabalhoadamente, manipulando uns venenos, pôr a nu a verdade, pois a panaceia não só o irritava como químico diplomado e venerador do Progresso, como também o feria, — oh, sobretudo! —, nas algibeiras, e estas dôres soem ser das mais atrozes..

— Quem vai fazer fortuna é mestre carpinteiro... Talha caixões, João! Talha caixões! casquinava ao cruzar a porta do seu único correligionário político, com cujo voto contava cegamente para quando se propusesse deputado.

E ambos trocavam um grande olhar de mofa, — como homens superiores...

Esta afinidade ideológica provinha, ao que parece, do benefício que ao carpinteiro traziam alguns elixires da autoria do farmacêutico, os quais podiam ser considerados pelos que os tomavam o meio mais rápido do suicídio ..

Ultimamente, o *partido* prometia engrossar. O médico, que era criatura nervosa, irritado com a falta de clientes e o descrédito da sua profissão, pretendia dar prova pública da sua adesão (punha condições, pela sua categoria, queria ser chefe) ao agrupamento extremista do burgo, com o qual, de resto, já estava desde há muito, solidàriamente, — quer como fornecedor da agência funerária, quer como angariador de boticadas...

Foi com um diabólico sorriso, (há sorrisos que valem tratados de psicologia, e êsse era tão aberto que o notou até o chefe da estação telégrafo-postal, pessoa tida por estúpida), que o revolucionário positivista mandou para Lisboa uma cabaça da célebre linfa, afim de que nos laboratorios «onde a Sciência impera» (a expressão é dêle, e costumava citar a seguir Vitor Hugo) «os Sábios dicidissem qual a sua composição».

Apenas o doutor subsidiou secretamente a despesa, pois o cangalheiro entendeu que já realizava um pesado sacrifício não opondo o seu veto a que a análise se fisesse, atendendo à grande afluência de serviço à sua oficina depois da greve dos doentes ao médico e à farmácia, — aumento, que, segundo as melhores probabilidades, era caso para estranhar.

O boticário, embezerrado, chegou mesmo a recear uma deserção. Muito instado, todavia, mestre João lá acedeu a fornecer uns números para a estatística que Gregório andava empenhado em elaborar, — «uma realíssima estatística que os pusesse todos a chuchar...»

Precisamente quando, semanas depois, a resposta dos laboratórios chegava, dando a mirífica linfa como a mais inocente das bebidas, (mal empregada fé, mal empregado dinheiro), e a fama da Fonte Santa mais crescia e recrescia, o dono da horta cimeira, notando que as regas diminuiam, mandou pesquisar os canos avelhados, e, concertando-os, tapando-lhes roturas, — a água famosa, pelo mesmo milagre que surgira, pelo mesmo milagre desapareceu...

Embora! Gregório fez publicar a análise conjuntamente com a declaração do carpinteiro, que autenticava o aumento do serviço funerário, declaração esta escrupulosamente reconhecida pelo notário, (que diabo, ao menos uma vez na vida são necessários escrúpulos!), no jornal mais grado do distrito, desfiando uma crítica severa à simplicidade do Povo. (Zé Pagante, Zé Charro Alimado, Zé Pacóvio, lhe chamava), na qual pedia, em palavras de rufo, «mais luz e mais Sciência», e repetia com fremências mavórticas que «cada escola que abre é uma cadeia que fecha», num lindo fim de artigo.

O Prior continuou iluminadamente a tecer retórica de seminário com ramalhudos bouquets de adjectivos e uma ou outra ponta mais dura de filosofia, relembrando sempre, da imponência do púlpito, «a inesquecível demonstração da onipotência de Deus»!

E os cegos, os surdos, os mancos, os éticos, os chagosos, êsses, — tristes enteados da Vida! — sem uma esperança para o seu sofrimento, sem um vislumbre de cura para a sua moléstia, sem um raio de luz na sua treva angustiada, sem um Jesus que os sare por suas mãos, foram os únicos que singelamente fitaram, de lágrimas nos olhos, a pedra hostil onde a Fonte falaz apenas um instante viveu, — os únicos que sentiram o vácuo dessa linda ilusão perdida, dêsse sonho de amor que se desfez, que voou...

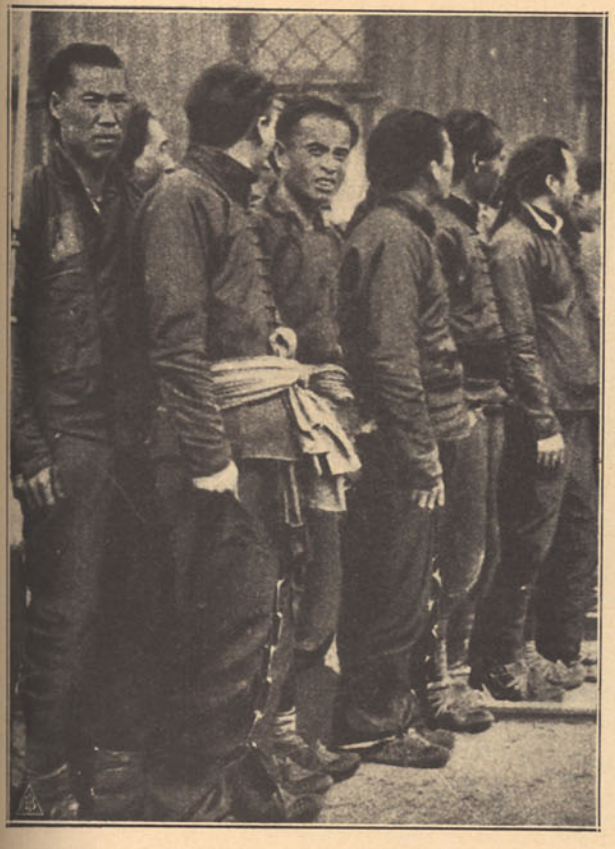
José Dias Sancho.

A CHINA DA GUERRA E DA PIRATARIA

A China continua na ordem do dia, com os seus generais de nomes de latas de chá, os seus sudistas, os seus nordistas, tropas que avançam e tropas que recuam, uma confusão difícil de desembaraçar através dos emaranhados telegramas, com que as agências pretendem saciar a curiosidade mundial.

Uma ambulância militar chinesa, dotada com todos os aperfeiçoamentos

De tudo isto o que resulta nítido é que a China, a pesar de ter sacudido a sua imobilidade de civilização milenária, continua a manter o *record* do pitoresco, pelas contradições que a cada passo se topam e pelos contrastes de que todos os dias nos fornece exemplos.



Piratas chineses, presos por correntes uns aos outros

Um assalto de piratas chineses, em pleno mar

Tendo adoptado o figurino europeu em alguns dos seus aspectos de vida, a China mantem-se aferrada à tradição em outras modalidades da actividade dos seus habitantes. É assim que a China, que tem um exército equipado no último estilo europeu, admite ou pelo menos tolera a existência duma pirataria à moda antiga, no estilo clássico dos ladrões do mar, que se supunha em todo o mundo já arrumados nos últimos romances a fascículos, que foram leitura popular no passado século.

Mostram duas das nossas gravuras o flagrante contraste de uma humanitária ambulância de guerra, bem apetrechada, de maqueiros bem fardados, com as filas de repelentes piratas, prêsos uns aos outros por grossas correntes, pela prática de proezas como a que a restante gravura mostra: um assalto em pleno mar, a um *steamer* de grande tonelagem.

O SALÃO DOS HUMORISTAS E O SENTIDO MODERNO DO RISO

Pelos muros da cidade fora, uma preta com um papagaio na cabeça, dentes à vela — desenho de Avelot — prometia-nos êste espectáculo singular: *On rit à gorge deployée*. E fomos ao Salão dos Humoristas na esperança de nos curarmos da melancolia que uma chuva ignóbil, indelicada, refractária a todos os juízos dos astrólogos, instila sôbre Paris. Fomos e voltámos neurastênicos.

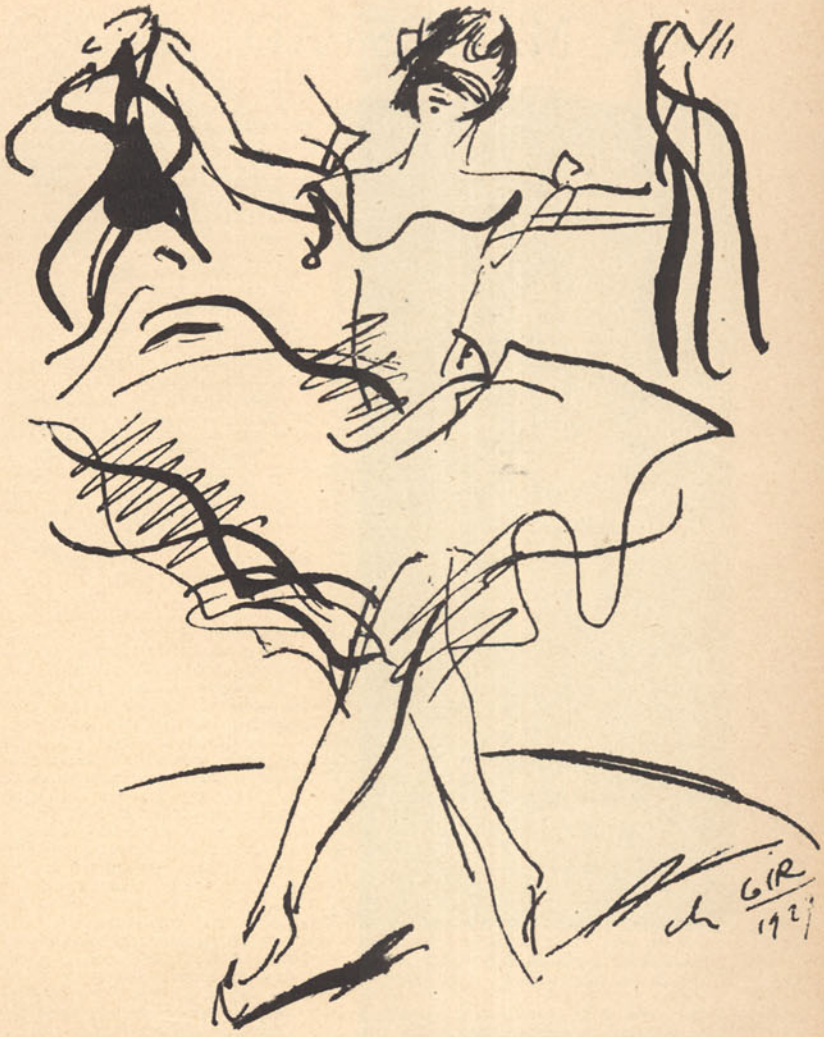
Não, ali não se nos ofereceu ensejo à boa e consoladora risada, estas risadas francas, terapêuticas, que valiam uma cura de águas, ou quinze dias de exercícios espirituais num convento. O homem ri quando vê rir, e já não havia na exposição nada que se parecesse com as vacas e mais bichos de Benjamin Rabier, duma hilaridade tão comunicativa, nem com os *gavroches* e *pipilettes* de Poulbot, dum cómico irresistível, ou ainda com as pachuchadas libidinosas dos labregos de Veber, para fazer rir as pedras e os santos nos altares. Léandre, Gottlob, Radiguet, Hermann Paul, Roubille, Metivet, mestres da graça, entristeceram, ou leram a *Cartilha do bom tom* que condena o riso imodesto e a galhofa.

Em verdade, o mundo já não ri como dantes, zigomáticos retezados e cada pançada, que até era proverbial dizer-se: ia morrendo a rir. O homem moderno não ri; sorri, e não é pequena a condescendência. Cada um traz dentro de si uma tragédia, em plena representação, ou um problema a apoquentá-lo, e passa alheio aos ridículos e bufonarias dos outros. Diz Bergson que o homem ri quando se encontra em situação de preeminência sôbre o seu semelhante. Quem, gratuitamente, se preocupa ainda com o seu irmão?

Com a nova mentalidade e a nova moral, o homem é uma flecha no seu caminho. Não tem ocasião de ver onde põe os pés; não olha aos lados; não se distrai; lá vai levado pelo instinto, ou, porventura, um pouco sonâmbulo. Cada vez vive mais recolhido no seu eu. Tôda essa actividade, essa lufa-lufa, êsse atropelamento de tudo e de todos, são sinais manifestos do seu crescente egoismo. Para que se possa rir, é preciso ânimo airado e ociosidade. O homem de hoje carece de tudo isso. Se alguma vez ri, a sua risada é sarcástica e representa um desquite; ou é irónica, de lástima fingida, e serve-lhe para mandar bugiar um pândego. Êsse cidadão altruista, difuso, meio Falstaff, meio Sancho-Pança, que só com abrir os lábios punha um auditório à gargalhada e que, aliêm disso, não perdia uma ocasião de rir, acabou para nunca mais. Há ainda quem ria sòzinho, ao desfastio, e dispõem êsses duma felicidade rara. Há ainda quem faça rir,

GEORGES VILLA — Os dias da semana

ABEL FAIVRE — Como Veneza mudou depois que nos casámos!



CH. GIR — Passo de dança

ou pretenda fazer rir porque disso assentou praça. Por virtude própria, por humanidade, por devoção altruista, ou pura especulação do espírito, já ninguem ri.

SEM — Caricatura de Forain

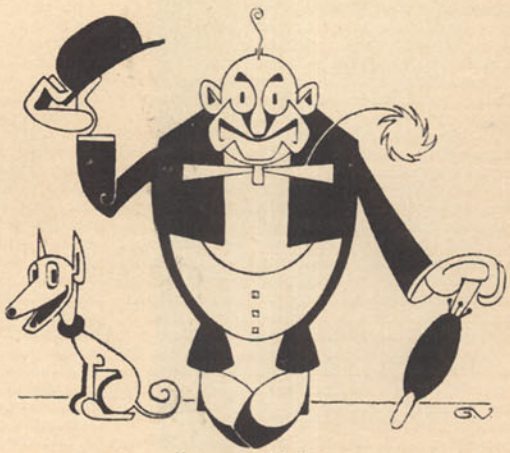
Êste Salão dos Humoristas, que noutras épocas alegrava Paris com a sua chalaça, levou-nos a esta conclusão: «quem quiser rir, recolha-se em sua casa, e faça-o com mulheres e filhos». Cá por fora não é fácil; não há tempo para isso; passou de moda.

Os artistas do humor abandonaram o seu santissimo e salutar mester. Em compensação passaram a observar com fiel e inteligente demora os gostos, tendências e estilo da humanidade que subiu para o galarim. Mereceram-lhe particular desvêlo as dansas novas, com suas atitudes e desconchavos, e as *garçonnes* com as suas manias e toleimas. Mas daquela piedade que Steinlen punha em tudo, e daquela amargura que se evolava do lápis de Gavarni, nem sombra. Os humoristas parecem conformados com o mundo que vai passando.

Paris, 15.

AQUILINO RIBEIRO.

CARLEGLE — Nos antigos tempos...



VIARDOT — Até à vista

SUA MAGESTADE A MODA

Vénus de Milo

Dum lado e doutro prédios de fachadas severas, tabuletas de notaveis costureiros, vitrinas resplandecentes de jóias. Estou na *Rue de la Paix*. E tenho a real impressão de haver entrado na Casa do Senhor, onde o Senhor se encontra em permanente *lausperenne*.

Em verdade vos digo que êste é que é o trono dos tronos, reconhecido por todos e por todos acatado. De facto, quando tudo se esfacela, e cai em ruinas, a ordem baixada a vocábulo de entrudo para uso grotesco das assembleas legislativas; quando os reis abdicam e os estadistas desertam, a *Rue de la Paix* mantem-se firme à tona do dilúvio, a *Rue de la Paix* paira soberba sôbre o naufrágio.

E diante do seu sólio curvam-se os imperadores, abatem-se os reis, os revolucionários acalmam-se, os ditadores transigem.

Lenine? Qual Lenine? Não veio ano ao calendário, não veio mês às estações através da passagem de Lenine pela temida ditadura bolchevista, que o barometro moscovita não marcasse temporal: — agora eram as nações coligadas contra a república soviética, logo os brancos lá de dentro em luta com os irmãos vermelhos. Mussolini vive mais perto do vulcão revolucionário do que da cratera do Vesúvio. Todo o solo italiano vibra, no tremor reprimido mas latente dos cataclismos em ebulição. Na hora em que o braço forte do ditador descaia no abatimento da primeira síncope, o terremoto abalará tudo, a Sicilia, a Toscana, o Piemonte.

Primo de Rivera? Ninguém o poderá negar: — tem mantido quieto o fogoso corsel da revolta. Mas o corsel lá está, nutrindo-se e vivendo do pão e da água da Espanha, a escarvar a terra, a sacudir a crina, a morder o freio.

Inerte a mão de rédea de Primo de Rivera quem virá suster-lhe os impetos da arrancada?

O poder espiritual de Pio XI. Êsse é universal, dizem os ortodoxos, êsse desce dum polo ao polo oposto, alastra de ocidente a oriente.

Apesar disso, do sólio pontificio Pio XI ordena às mulheres da cristandade, às da aristocracia e às da finança, que subam os decotes quando chegarem à casa de Deus, que desçam as saias quando freqüentarem os sacramentos.

E todos nós conhecemos de vista a resposta das mulheres à provisão apostólica: — os decotes desceram na proporção em que subiram as saias.

Pois muito bem. A *Rue de la Paix* não precisa ordenar. A *Rue de la Paix* nunca se humilha a pedir. A *Rue de la Paix* diz apenas para comsigo, como quem acerta em voz alta a linha dum raciocinio:

— Neste verão não haverá decotes. As golas sobem às orelhas. Neste inverno não haverá saias curtas. As saias arrastam no chão.

E imediatamente, sem hesitarem, sem discutirem, achando até magnifico, afirmando que é até muito melhor assim, tôdas as mulheres afogam o pescoço em lã ou em veludo no rigor da canicula estival, tôdas as mulheres arrastam as caudas de sêda ou de casimira pela lama das calçadas.

E não sómente as de Paris. E não exclusivamente as da católica França. As da França católica e as da luterana Alemanha. As da América cristã e as da Asia braamanica. Tôdas, velhas e môças, brancas e amarelas, obedecendo submissas aos mandamentos de cima.

Mr. Paquin, sólido e calvo, com as poderosas mãos no bolso e o dôrso tranquilamente apoiado à coluna do seu *atelier* de costureiro, disfruta duma autoridade que nem os exércitos de Trotzky, nem os fascistas de Mussolini, nem as juntas de Rivera, nem as excomunhões de Pio XI de longe igualam. E no entanto, Mr. Paquin, no seu *atelier* de costureiro, não subvenciona generais, não manobra canhões, não publica encíclicas: — mobilisa simplesmente uma tesoura, quatro manequins e meia dúzia de peças... de sêda ou de brocado.

Não há dona católica apostólica romana, entre as mais puritanas e as mais praticantes, capaz de afrontar um salão de baile pudicamente blindada de crepes e gorgorões, publicando majestosa:

— vestida por Pio XI.

A mais praticante e a mais puritana dona católica apostólica romana desafia um salão, pagãmente nua, e orgulhosa de que se murmure:

— Despida pelo Paquin.

A *Rue de la Paix*, a esta hora da tarde, é um estendal fervilhante de estôfos e pedrarias.

Limousines milionárias abrem como frutos de mágica e largam a pôlpa temporã à porta de Sua Alteza o Costureiro. Taxis inquietos saem das filas centrais e vão estacar em frente dos Paços severos de Sir Joalheiro.

Os passeios apinhados de gente de pé, menos gente masculina do que feminina, e esta exibindo toilettes e vistoriando vitrinas. As vitrinas dos joalheiros fosforecentes de jóias mais custosas do que herdades. As vitrinas dos costureiros ornadas de modêlos mais perigosos do que a Serpente.

E eu, que venho dos dominios da Beleza antiga, religiosamente recolhida no *Louvre*, surpreendo-me a pô-la em confronto com a Beleza moderna, ruidosamente exposta na *Rue de la Paix*.

E são dois mundos desconhecidos que se defrontam, o velho nada tendo de comum com o novo, o corpo e a alma dum em briga com a alma e o corpo do outro.

E certo. A Beleza de hoje não tem parentesco com a Beleza de ontem. Nem no corpo, nem na alma. O corpo moderno atende só ao esguio e insexual. Prescreveu da estética dominante o antigo prestigio da carne que foi tentadora — pois hoje a tentação é toda de osso. Condenou ao exílio o boleado da linha curva. É sexualmente neutra, visto nada querer com o feminino, pelo que se despojou dos seios e do cabelo, não chegando a ser masculina, embora fume e jogue o *box*, por deficiência de pêso.

Certos exemplares de Beleza moderna atingiram realmente uma graça exótica e requintada. Não lhes pleiteiam vantagem os solitários esguios, de cujos gargalos irrompem crespas cabeleiras de crisântemos. Mas outros, Nosso Senhor! são múmias egipcias, apesar do acento modernista, no ressequido das formas e nas faces côr de cobre. Ou, mirradas e rectas, são réguas de arame prontas a pautar o caderno das nossas contas a Deus.

Isto no que respeita ao corpo, que eu gosto de ver esbelto e ligeiro, embora sob as marcas denunciativas do sexo. Que no tocante à alma, o sentimental deu a vez ao utilitário. Porisso, as almas de hoje não lêem Virgilio: — escrituram *Livros Caixas*. E porque repudiam o clássico e legitimam o vulgar, fecharam o patricio das atitudes e dos gestos nos Museus de arte retrospectiva e só levam ao pretório tudo quanto dantes andava em cheiro de plebeu.

Em contrapartida, ao lado da Beleza moderna, acreditada pelo Drecoll, trago à contenda a Beleza antiga, representada pela *Vénus de Milo*: — essa que enfeitiçou o sol de Atenas e que o *Velho Testamento* da Estética Velha ainda designa de divina.

Conhecem a *Vénus de Milo*, os seus ondulantes cabelos em bandós, o seu lindo rosto em linha oval, as aureas taças dos seios a erguerem-se em ofertório, as boleadas curvas das ancas a afirmarem feminilidade — e os braços perdidos no jôgo de amor dos abraços. Pois eu pregunto, a gregos e troianos, o que sucederia à *Vénus de Milo*, se numa destas tardes de bulicio deixasse a sua sala do *Louvre* e viesse de passeio até à *Rue de la Paix*?

Não o duvideis. A *Rue de la Paix* tornava-se de súbito a *Rue de la Guerre*. E a divindade olimpica da Hellade, querida dos tiranos e venerada pelos Sacerdotes, seria corrida, vaiada, lapidada pela Vénus exotérica do Olimpo actual.

Tudo passa — até o sentido da Beleza. Tudo cai — sem excluir o prestigio da Fôrça. Só a Moda, que nas suas leis e nos seus costumes se revela volúvel como a alma errante dos ventos, é eterna na vida e eterna no poder.

E assim mesmo. Porisso, quantos benefícios consideráveis o reformador não lograria trazer ao concêrto das utilidades humanas por mercê dessa Vida e dêsse Poder?

O problema da despopulação da França, por exemplo: — nenhum outro Govêrno igualaria o da Moda no movimento infalivel de lhe encontrar finalidade.

Os jornais parisienses dia a dia prègam a virtude de dar muitos filhos à Nação.

Apesar disso, as fontes da natalidade francesa manteem-se em crise de seca e de estiagem por não haver palavras que despertem os ocultos mananciais da raça.

Outro seria, porém, o resultado da demanda, se a *Rue de la Paix* entrasse no partido dos prègadores. Porque neste momento ela só se lhe mostra contrária.

O figurino que corta o seio à mulher, veda-lhe o direito a criar outro seio. O modêlo que foge com a anca à curva ogival da ânfora, quebra o vaso sagrado da germinação e da continuidade. A moda que molda pelo masculino o que por natureza e por necessidade deve ser feminino, torna a fonte inimiga da água: — pois a mulher, quanto mais se aproxima da masculinidade, mais se afasta da maternidade.

Mas obtivessem os reformadores platónicos a efectiva intervenção da *Rue de la Paix* na contenda ao lado dos evangelistas dos lares fecundos: Despertassem os prègadores a *Rue de la Paix* a favor da prosperidade e da Glória da França. Que ela dissesse, do alto do seu trono: — A mulher, antes de tudo, tem de ser mulher. Que ela ordenasse da eminência do seu sólio: — A mulher, acima de tudo, tem de ser mãe. E que, simultâneamente, exemplificando pela imagem a letra dos dois artigos do novo Código, figurasse uma elegante, mesmo fina como a haste, mesmo fugidia como a nêvoa, levando pela mão, em vez dum Lulu branco, um Bébé côr de rosa.

E logo a França se converteria em seara cheia de espigas de oiro. E logo a triste França, quási erma de asas e de gorgeios, apareceria milagrosamente transformada em viveiro chilreante de anjos.

SOUSA COSTA.

LIVROS E ESCRITORES

Erudito e escritor doutrinário de limpida reputação, o sr. dr. M. Gonçalves Cerejeira, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ofertou-nos três novos trabalhos seus: *Clenardo; Notas históricas sôbre os ordenados dos lentes da Universidade*; e *Do valor histórico de Fernão Lopes*. É o primeiro uma reedição, mas com tanta matéria nova no seu âmbito, que melhor será avaliá-lo como se em estampa original saísse. Clenardo, pelo papel que êsse grande poliglota e pedagogo flamengo desempenhou no nosso Renascimento, é digno do atento estudo das inteligências portuguesas. Falar dêle, biografando-o e exercendo ao mesmo tempo uma interpretação crítica sôbre essa biografia — é iluminar os meandros da decadência em que Portugal caiu nos meados do século XVI, era em que Clenardo viveu entre nós, leccionando o infante D. Henrique. O segundo trabalho põe-nos ao facto da economia da vida universitária, desde a sua origem eclesiástica até nossos dias: conclui-se ali que os lentes de hoje, proporcionalmente, auferem menos do que os seus remotos colegas. No terceiro estudo, com singular poder de análise, refuta-se a tese, já conhecida, do sr. general Morais Sarmento, em desabono da idoneidade de Fernão Lopes como historiador.

O dr. Sousa Costa resolveu regressar ao romance: *Amor 1.º, o Cruel*, a sua recém-aparecida obra dessa natureza, é o estudo psicológico, bem desenvolvido, duma rapariga brasileira que ama pela primeira vez, pondo nesse enleio, já todo o fogo tropical que arde no sangue da sua raça, já o ímpeto generoso próprio da sua idade juvenil. Por fundo, a pintura, opulenta de colorido, da paisagem luxuriante do Brasil e também, para o fim do livro, da doce paisagem dos arrabaldes de Lisboa. Notámos no romance, formando um enrêdo subsidiário do principal, uma indiscreção sôbre a vida amorosa dum aviador português que há anos a glória bafejou e veio depois, malogradamente, a desaparecer no mistério insondável do oceano. Absolvendo, porêm, o romancista, ao lermos essas páginas lembrou-nos certo trecho das memórias de René Boylesve: «L'homme de lettres *fracture* les armoires de famille et d'autres aussi quelquefois. C'est avec les secrets, les choses intimes, souvent avec des cyniques indiscrétions, qu'il compose la pâte diabolique avec laquelle il peint l'humanité».

Como nem tudo que luz é oiro — nem tudo que ostente a marca do regionalismo o é, de verdade. De tal mistificação, tão correntia, não póde acusar-se o abundante volume que o sr. João Rosa, investigador muito honesto, imprimiu recentemente: *Iconografia Artística Eborense*. Dêle exala-se um forte e insuspeito *parfum du terroir:* a terra alentejana, de que o autor é filho, tão cheia ainda de particularidades nos seus costumes e nas suas figuras, na sua paisagem e na sua arquitectura, sobre-tudo essa Evora feiticeira, em cujas pedras cada povo que a dominou infundiu uma parcela da sua alma, alcança nêste livro um estudo notabilíssimo e carinhoso, bem digno de ser imitado em relação a outros pontos do solo português. Com prefácio do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto e preciosas pela porção de notas históricas, bibliográficas e de exegese artística que contém, estas páginas reproduzem uma série enorme de quadros, desenhos e fotografias, com aspectos não só de monumentos como de tudo mais que de típico possui o distrito eborense, na sua capital e nas mais povoações que o formam. Um dos grandes méritos dêste trabalho, a que cabem todos os elogios e que, pela sua exígua tiragem, é de jeito a apaixonar bibliófilos e coleccionadores, é o seu significado documental.

A terra algarvia revelou-nos agora, através dos poemas da *Varanda de Lilases*, um novo poeta: Armando de Miranda. Livro de estreia, contém êle já, sem favor, firmes realizações dum talento priviligiado. Ardor de mocidade, alegria dionisíaca de viver umas vezes, outras uns vagos assomos de melancolia, tudo que constitui o fundo do temperamento português, misto de ternura sensual e de aspirações idealistas, eis o que se encontra nestes versos, burilados todos numa forma nítida e musical, em que, amiúde e sem preterir o culto dos moldes clássicos da poesia, surge uma nota modernista, dando-lhes graça especial e vivo tom de originalidade.

Emigrada da vida do palco para a vida literária, Mercedes Blasco não desiste de conquistar aqui um nome. *Como êles são* ..., o seu último livro, compreende umas dezenas de perfis de gente preponderante no jornalismo, na política, nas letras, gente com quem ela tem cruzado na vida e de quem soube aperceber as qualidades fundamentais. Alguns dêsses retratos-esboços são flagrantes de verdade.

Bem se diz que paredes-meias do riso mora a dor: Arnaldo Leite, comediógrafo que tem espalhado graça humorística a rôdos, homem que tôda a gente estava supondo ter nascido só para presentear os seus semelhantes com êsse bem, mais precioso que o oiro, que é a alegria, — saiu-nos agora, de súbito, cantor de mágoas e sofrimentos, no seu livro *Versos dum Portuense*. A inspiração poética de Arnaldo Leite, vêmo-lo agora, não tem que invejar à riqueza da sua *verve*. Numa linguagem rimada que tem desembaraço e poder comunicativo, surge aqui o elegíaco, o amoroso, o patriota e o bucólico, sem deixar de aparecer também o humorista.

CÉSAR DE FRIAS.

CONCURSO LITERÁRIO E FESTA DO LIVRO: Vidê página 4

O POETA-PINTOR KANYA ANDO

O LUAR NO JAPÃO

Kanya Ando é poeta, extranho poeta que pinturila *kakemonos* onde os hieroglifos volitam em caprichosas dansas... jardins fechados com princesas encantadas... cofres de marfim em que se encerram os tesoiros do Mikado... adagas vermelhando o colo nu de uma *gueisha*...

Kanya desenha a côres. E estira pelo rôlo pergaminhado todo o cortejo de sons, de imagens que o cérebro humano pode conceber...

... Tons de prata suavisam, aqui e ali, o grito escarlate de um hieroglifo, o sussurro azul de outro ideograma, o gemido angustiante de um ângulo lilás...

Há muitos tons de prata, muitos, no labirinto da poesia de Kanya...

... Scintilam-lhe os olhitos amendoados, como roídos de febre. Reprega-se-lhe a testa ampla. Kanya é magro, de uma magresa esquelética e nervosa. Mãos alongadas, agitar de braços continuo que faz boiar os tufos das mangas do *Kimono*.

Filho de *samurai*, Kanya conserva tôdas as rad ções do velho Japão. Estudou em Shang-Hai. Tirou um curso de Letras. Deu-se em mertulhar nos arcanos da sabedoria dêsses milhares -e ideogramas chineses que guardam severamente os tesoiros do impenetrável espírito do extremo oriente.

Quantos ideogramas conhecerá Kanya?...

Cinco mil, seis mil, talvez mais...

Em Tokyo, o poeta-pintor vive da sua arte de compor versos. Os *kakemonos* pinturilados que nós admiramos na sua *vila* de papel e madeira, dêste formoso bairro de «Shibazonobashi», onde começa o parque de Shiba, são encomendas do «Maple-Club», da «Osaka Chosen Kaisha», para um novo paquete, do «Tsukiji», da «Máruzen»...

... Kanya não escreve para os jornais.

«Já se não pode escrever para jornais. A nossa língua escrita está desvirtuada. E eu persisto na forma clássica da poesia nipónica, dos bons tempos em que o Japão vivia isolado do mundo e em que se fizeram as mais puras obras de arte».

Mas Kanya podia escrever em inglês. Ele não quer. «As línguas estrangeiras não teem vocábulos que traduzir possam a paisagem que os nossos velhos ideogramas descrevem nestes rôlos de pergaminho que só podem interessar a você pela policromia .. Creia-me: os mistérios da nossa literatura jámais podem ser revelados em alfabeto romano, mesmo que sejam escritos em japonês».

Kanya é um dos novos que se batem ardentemente contra a adopção do «Romaji», o nosso alfabeto que está a ser empregado para facultar a compreensão da língua.

— Porque se compraz em empregar, a miúdo, êstes tons de pérola e de prata nos seus *kakemonos?*

«Eles são todos os segrêdos da Lua». .diz-nos embevecidamente Kanya. «Compreende você o luar?...»

— Sim, porque não?!...

«Não, você não pode compreender o luar...» E Kanya abana desconsoladoramente a cabeça. «Os europeus e os americanos teem a paixão do Sol. O Sol, êsse, nós não estudámos tão bem como vós outros. O Sol exerce um império a que nós não nos submetemos. O Sol é sangue, é cólera, é ambição, é inveja, é ódio. Gêra tôdas as influências más que tanto teem estragado a alma das nações na velha e decrépita Europa.»

E, no entanto, o Japão é o «Sol Nascente» . rematou Kanya com ironia. «O Sol será para vós. A Lua não nos submete... Seduz-nos e deixa-se possuir... Jámais um homem de Nihon poderá ter uma idea má a atravessar-lhe o cérebro, encarando a Lua, que rola em sonho, pelo manto azul dos céus .. E é para nós que ela se inclina. É para os setenta milhões de almas que vivem nestas ilhas, é para as nossas azáleas e peónias e crisântemos, para as nossas árvores que ela guarda todos os seus segrêdos, tôda a sua garridice. E, por isso, as nossas flôres e as as nossas mulheres são as mais belas do mundo. E, por isso, um japonês não conhece a maldade»...

Kanya sorri. Pondo-nos a mão no ombro, e encarando-nos fixamente, com os seus olhitos amendoados, roídos de febre:

...«Você conhecerá o luar... Tem a felicidade de poder conhecer o luar. Estamos em Setembro. Nunca a Lua se mostra, como nesta época, mais bela sôbre as águas sagradas do Lago Biwa. Iremos a Kyôto... Iremos a Otsu. .

* * *

Ficou para trás Osaka...

. . O combóio passa lento. Fez-se noite, pouco a pouco, demoradamente. As casitas fosforejam pela encosta .. E o pontilhado das lanternas vai-se alongando até à curva ensombrada lá adiante. Surpreenderemos, então, em tôda a sua nudez, o lago Biwa, «enamorado da Lua nestas noites de Setembro, tão propícias para os dois amorosos. .»

E Kanya sonha. Rasga-se a janela do *wagon*, por onde entra uma leve brisa mordiscante... Contemplamos o céu... A lua é um bloco de neve assetinada...

«Não encarem por emquanto a Lua! .. diz-nos nervosamente Kanya.

Os estrangeiros que nos acompanham querem rir. Mas a expressão de Kanya é tão grave que ninguem se atreve.

E Kanya sonha...

... «O silêncio no Japão... Como é povoado de murmurios!... Na remansada pradaria, pelas noites de luar, ouvem-se as vozes de séculos, os cânticos errantes das multidões desaparecidas...»

.. «E os jardins trescalam a cinamono...»

... «Sonham as mulheres, noite em fora»...

... «E a Beleza se evola em respiro leve, das boquitas de nácar»...

... «É de noite que a ondeante teia se tece pelo espaço»...

... «Há ondas magnéticas de beleza tocando as árvores, os arbustos, as flores, os rostos das crianças, a penugem das aves»...

«Pelas noites de luar é que se ouvem melhor os murmúrios roçagantes de sêdas, que povôam os silêncios da remansada pradaria»...

... «A vida da mulher é sonho. O seu dormir é a quintessência dêsse sonho»...

O combóio passa lento.

Kanya está de pé, em frente da janela. A sua voz é pausada, grave e cava. Os braços agitam-se-lhe frementes, a prolongar as vibrações que êle atira para a claridade luminosa da encosta, agora banhada de luar... Scintilam-lhe os olhitos amendoados, roídos de febre...

... «Pela noite criadora, a Mãe, em espírito, alinda a terra, berço do seu filho. Endeixa pelos espaços em fora, as canções que o Homem, pela manhã, a caminho do trabalho, encontrará na brisa que o acaricia. E a imensidão estará perfumada. E o Homem será feliz!»...

«Ouvi, estrangeiros, os cânticos errantes, os murmúrios de sêda neste augusto silêncio beijado de luar!...»

* * *

O combóio passa lento...

Biwa! É o luar que ilumina os teus sonolentos mistérios, guardados na profundidade...

Os lagos são tranquilos... água que dorme e sonha... Os lagos são tranquilos... faces serenas no sono da Morte... Os lagos são tranquilos... reflexos do azul macio em que se adormentam os anjos pelos céus...

O combóio passa lento.

E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa! O murmúrio da tua reza à lua que de ti se enamorou e a ti se mostra desnuda, transparente de volúpia, acesa de claridade rubra... Como vôam à superfície da tua face quieta, os beijos em braza da sua paixão!... São milhares incontáveis... Scintilam doidamente, Biwa! E tu estremeces... Sugas-lhe a luz de fogo que ela te envia... Guarda-la no teu seio .. Como, para a profundidade, a claridade, vai descendo! És um mar de fogo, Biwa!

.....

O luar é mais claro... Phœbo serena...

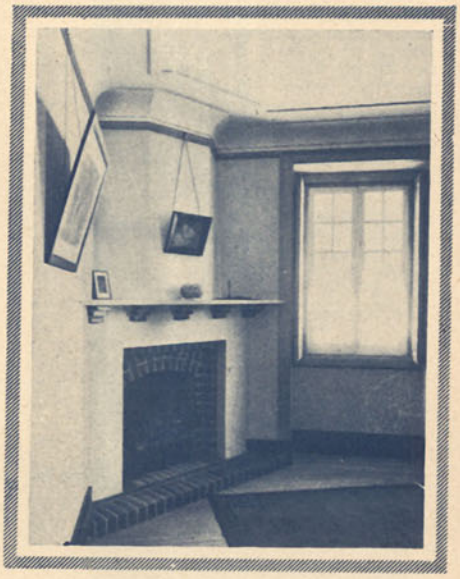
O combóio passa lento. E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa!

CARLOS ABREU.

A CASA PORTUGUESA

CASA EM LISBOA

ARQUITECTO JORGE SEGURADO



alce pelo colorido adoptado que é impossível de se apreciar nas fotografias. Tôda a arquitectura é acentuada pela côr rica de um amarelo carregado que contrasta alegremente com o fundo branco das paredes e a nota verde da carpintaria. Os andares superiores são

Sendo apenas a transformação duma casa existente, esta obra é belo exemplo de arquitectura citadina que, na sua simplicidade, está longe de ser banal.

As linhas bem meridionais do exterior ganham re-

para habitação, e aqui se mostra como com meios muito simples se obtêm efeitos agradáveis de sobriedade e nitidez.

O prédio pertence à Companhia Carris de Ferro, que nele instala os seus carros-tôrres.

OS LEQUES

Fatigados da exibição banal e plebeia, desgostosos do adejar inestético, precipitado, entre mãos impacientadas pela angústia das calmarias, os leques furtaram-se ao contacto do vulgo, aos beijos sensuais do sol e à poeira das ruas, aristocratisaram-se, enfim. E hoje, só entre as refulgências dos salões, afagados blandiciosamente pelo brilho das pedrarias e dos setins, êles, os traquinas leques de outrora, aparecem, revestidos de sumptuosidade, de molesa *coquette* e fidalga.

Os leques de papel, êsses leques criados sem preocupações de requinte estético, para matarem, num sôpro de frescura convencional, a onda súbita do calor que um dardejar de sol ardente, ou uma caminhada mais viva, chamou subitamente ao rosto, desapareceram num misterioso esquecimento aconselhado pela moda. Mas, por um milagre de transformação, ei-los pompeando no plano da alta elegância, acarinhados não já pelas mãos impacientes, humedecidas, mas por outras, finas, patrícias, que sabem abri-los e movê-los com primores de graça artística, fazendo valer as ondulações voluptuosas das plumas escapadas, em espirais de capricho, das varetas preciosas, a despeito da sua pretensa singeleza.

E que lindos leques a arte moderna da toilette, nos apresenta hoje!

Plumas, rendas, paradis, tudo se aplica nessa breve secção de varetas de marfim, tartaruga ou madrepérola, esculpidas ou brunidas, segundo a inspiração do artista executor que compõem os alicerces fragilíssimos e encantadores dum leque.

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM

COIMBRA — Púlpito da Igreja de Santa Cruz

(Cliché Cardoso)

A CIDADE

Na cidade — ainda que ela seja, como a nossa Lisboa, pacata e mal iluminada — a luz e o movimento das ruas não nos permitem mergulhar na noite, admirar-lhe a majestosa beleza ou sentir-lhe o inquietante mistério.

A noite na cidade não tem silêncio. Pode calar-se o estrepitoso rodar dos carros e as vozes dos pregões ou das conversas emmudecerem como os risos das orgias, que do vasto aglomerado humano sobe sempre um rumor de vida.

O latejar do sangue e o ritmo da respiração das centenas de milhar de corpos, que a fadiga venceu e o sono esmaga, passam através das grossas paredes dos edifícios, são cá fora um murmúrio leve, imperceptível quási, mas que dá a quem transita pelas ruas duma cidade adormecida a consoladora e convicta impressão de que caminha entre vivos.

Pelo contrário, a noite no campo é povoada de mistério, arripiada de mêdo. Lugares que à luz do sol são dum colorido que enleva, à noite apresentam-se como boqueirões de sombra, onde podem acoitar-se o crime e a traição. Negras correm as fontes e as ribeiras. O céu é alto, profundo, implacável de escuridão. A treva opaca esmaga e sob ela fazemo-nos pequeninos e aperta-nos a garganta um desejo de chorar.

As árvores, cúmplices da noite, tornam mais densa a treva dominante e ganham relêvos fantásticos, apocalípticos, bizarros. Ao nosso redor, o silêncio é um vasto e pesado manto que sufoca. Qualquer ruido insignificante toma proporções de fragor. Uma fôlha morta, que se solta dos ramos, semelha um bater de asas misteriosas. O ladrar dum cão é, no silêncio, lúgubre como um preságio de morte e o mugir dos bois sobe no ar como um lamento de angústia. Tem-se a impressão de que alguem nos espreita e, por momentos, a quietação é tão grande que sentimos, com um calafrio de morte, a certeza de estarmos sós no mundo, envoltos numa noite que nunca, nunca mais terá fim.

À beira de água, porêm, a noite é mais humana, vive mais em nós e para nós, quer o céu se pontilhe de estrêlas e se empoalhe de

E JANEIRO. — Botafogo

RIO DE JANEIRO. — Botafogo

E A NOITE

nebulosas, quer o cubram uvens inchadas de água e de tormenta.

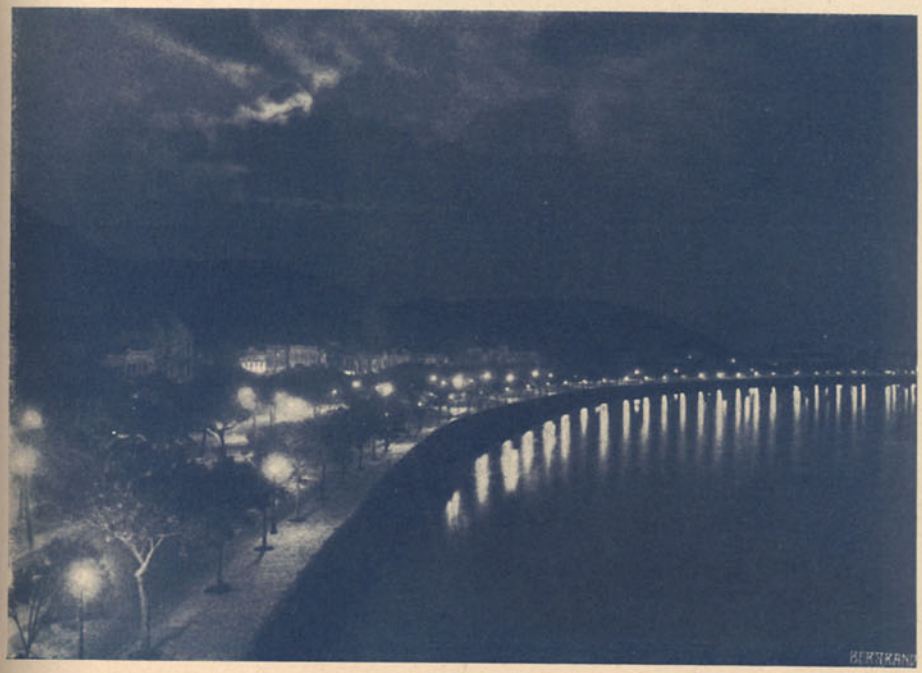
É que o mar é uma presença viva. Recúa, avança, ruge, murmura, embala como uma mãe, doce e terna, a adormecer um filho. O vento, grande amigo do mar, anda sempre de noite a chalaçear com êle e ambos conversam interminàvelmente, recontando talvez histórias de naufrágios do tempo em que as primeiras birremes fenícias sulcaram, tímidas, as verdes e trêdas águas mediterrâneas.

Mas só nas cidades a noite é humana, porque a noite das urbes foi apropriada pelo homem à sua ânsia de sociabilidade, à sua fobia de isolamento, que uniu as famílias em tribus e em clans, antes da fundação política da cidade.

Muita ou pouca, nas ruas a luz corrige a noite, tirando-lhe o que ela tem de mais impressionante: a opacidade da sua treva. Pode levar-se à conta de arrôjo quási rebelde esta pretensão do homem de corrigir o que a Natureza, em seu equilibrado conjunto, sàbiamente criou, mas tão afeitos andam nossos olhos à luz que privar-nos dela é condenar-nos a recuar no tempo até à fase animalíssima em que o homem besta-fera desconhecia o fogo e até durante o dia procurava fojos e cavernas para evitar o brilho ofuscante do sol criador.

Com a civilização a noite das cidades criou explendores novos. As grandes metrópoles modernas, como êsse deslumbrante Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro. — Botafogo



Rio de Janeiro. — Santa Teresa e Glória

que é hoje uma Paris na América, não dispensam durante a noite o *feérie* duma iluminação ofuscante, que afugenta as trevas opressoras e dá ao aglomerado humano uma mais intensa sociabilidade. Goza ainda o Rio de Janeiro do mágico efeito, que lhe permite a sua situação de metrópole recostada à beira do mar, que se alonga com a luz que a largos jorros as avenidas marginais lhe enviam. Êste fulgor das cidades, que vem das catadupas de luz que sôbre as ruas entornam as inúmeras lâmpadas eléctricas, é, em regra, proporcional à luz não menos intensa que uma superior cultura derrama sôbre os espíritos.

FEMININA

MODAS... MODAS...

De dia para dia, a moda vai retocando de graça e leveza a silhueta da mulher. Compreende-se que a preocupa o intento de banir da linha feminina, todos os recortes duros, todos os pormenores que prejudiquem o encanto harmonioso das formas e o ritmo suave dos movimentos. É por isso que vemos aparecer os modêlos de meia estação compostos com um sábio critério artistico empenhado em tirar dos mais insignificantes elementos de toilette o maior efeito plástico.

E não só em fazer valer a graça feminina a moda actual porfia; os exagêros merecem-lhe também decidida reprovação. E, assim, é ponto assente que as saias serão cortadas com dimensões rasoáveis, sempre curtas, mas só o suficiente para marcar o preciso efeito juvenil, de acôrdo com a comodidade dos movimentos e a estezia do conjunto da silhueta. Nada de joelhos a descoberto... Além de desagradavelmente audacioso, um tal exagêro de encurtamento da saia prepara sensível desiquilibrio de proporções no conjunto da figura, que, mais concorre para riscar de ridiculo a silhueta feminina, principalmente quando se trate de uma silhueta forte, do que para lhe conceder vantagens de remoçamento. Uma outra característica das saias modernas, é a disposição do corte e das guarnições que permite conservá-la muito lisa nas ancas, modelando-as bem, e alargar bastante para a orla mercê da roda incrustada por meio de *godets*, folhos franzidos ou plissados e pregas ou machos, cosidos até meio da saia e soltos para baixo

As cinturas, essas regressam finalmente à altura natural. É certo que algumas modistas parisienses as fixam ainda nas ancas. Entretanto, a tendência para as repor na altura própria é muito sensível e encontra entusiásticos adeptos entre os principais *meneurs* da elegância parisiense. Os corpos são, na grande maioria, desprovidos de enfeites, lisos quanto possível, e blusando sôbre o cinto. Os efeitos de bolero, que são largamente procurados, auxiliam muito a idea do efeito *blusant*.

Pelo que respeita às mangas, verifica-se muita fantasia, mas as que modelam o braço e descem sôbre a mão, teem superioridade sôbre as restantes. Os decotes, pequenos, limitados por golas voltadas que por vezes cingem de perto o pescoço e terminam fechando com um laço de fita atada negligentemente.

CINEMATOGRAFIA

Cecil B. de Mille é, com David W. Griffith, o mais alto valor mental dentro da enscenação cinematográfica americana. O seu cérebro privilegiado, imaginação veemente e audácia de concepções permitem-lhe focar vantajosamente grandes problemas pictóricos, cinegrafá-los nevròticamente, a traços largos, num grande fresco em que a perfeição absoluta sai dos seus enormes, incomparáveis conhecimentos técnicos. Foi Cecil B. de Mille o realizador genial dêsse soberbo «Dez Mandamentos» que assombrou o mundo pela sua técnica inexcedível e é êle também o autor do maior êxito actual de todo o mundo cinematográfico, «O barqueiro do Volga», formidável pintura de costumes russos que assombra, domina e seduz.

* * *

A princesa Vera, jovem e bela, filha do velho Nikita, passeia de automóvel nas margens do Volga, acompanhada por seu primo e noivo o príncipe Dimitri, oficial do exército do czar. Chegam assim a um acampamento de nomadas de origem tártara e enquanto os dois noivos ouvem a sua sina lida por uma cigana, começa a ouvir-se essa melopeia lenta e bizarra que é o cântico doloroso dos barqueiros do Volga, êsses rebanhos de entes humanos que, caminhando, arrastando-se pelas margens abruptas, puxam os pesados batelões carregados de mercadorias, durante centos de léguas, rio acima. Entre o rebanho vem um belo e simpático rapaz, Féodor, que logo chama a atenção da princesa pela beleza da sua voz e pela altivez rara do seu olhar.

Féodor vem beber numa bica junto do príncipe Dimitri e involuntàriamente salpica as botas de pulimento do vaidoso oficial. Logo êste ordena ao jovem barqueiro que ajoelhe e limpe as botas que acaba de macular; Féodor recusa. Dimitri, irado, corta-lhe a face com uma chicotada. A princesa Vera, interpondo-se entre os dois homens, evita o agravamento da questão e desaparece com o noivo enquanto o belo barqueiro retoma resignadamente o seu lugar entre o rebanho que se afasta na cadência dolorosa do seu cântico de escravidão.

A princesa Nikita beleza heráldica...

Passam-se tempos e estala a grande revolução russa. O castelo do príncipe Nikita é assaltado por uma horda capitaneada por Féodor. Os assaltantes organizam um festim sob os olhares pávidos dos proprietários. Mas o mordomo do príncipe mata o jovem Vassili, amigo de Féodor e êste reclama a pena de Talião. Pela mocidade de Vassili exige outra mocidade que seja aniquilada. E a princesa Vera a vítima indicada. Féodor quere, êle próprio, matá-la e fazendo evacuar a sala, fica só com ela. Sente então que não tem coragem de assassinar aquela beleza patrícia e combina com Vera uma simulação. Lança sôbre ela um copo de vinho rubro do sul e dispara o revólver ao tempo que a princesa simula a morte. Mas Mariucha, a cigana, descobre o lôgro quando o barqueiro já fugira com a princesa e a horda selvática lança-se na perseguição dêles. Mas era tarde. Féodor e Vera, esta vestida de camponesa, fugiram numa troika.

Vão porém cair ambos nas mãos dos contra-revolucionários e Vera vai sofrer os piores ultrajes quando chega o príncipe Dimitri comandante das tropas, reconhece a sua noiva e a arranca aos soldados furiosos. Sabendo porém que Féodor trouxera a princesa até ali fazendo-a passar por sua mulher, ordena que o barqueiro seja fusilado.

Féodor atado a uma grade de caprichosas volutas forjadas vê como, na sua presença, os soldados cavam a sua própria sepultura. A princesa Vera aproxima-se dêle e Féodor, vendo que vai morrer, confessa-lhe desvairadamente o seu grande amor. Mas a princesa jura-lhe partilhar dêsse enorme afecto e procura obter a liberdade do belo plebeu. É um feroz contra-ataque dos revolucionários que o liberta e êstes, em represália, atam os aristocratas e as mulheres nobres a um batelão de tráfego no Volga, obrigando-os a arrastá-lo dolorosamente, como outrora o rebanho humano dos pobres barqueiros. Depois é o tribunal e Féodor advoga inflamadamente o perdão de Vera... e de Dimitri, o homem que lhe cortara a face a chicote. São ambos perdoados dando-se-lhe a escolher entre o exílio ou a causa revolucionária. O príncipe Dimitri escolhe o exílio mas Vera, volvendo os olhos ao generoso barqueiro, escolhe a causa daquele homem a quem ama acima de tudo.

(Produção P. D. C.).

Cecil B. de Mille deu a esta bela obra de emoção um elenco de intérpretes notabilíssimo. Assim, Wiliam Boyd interpreta o barqueiro Féodor, Elinor Fair a princesa Vera e Vitor Varkony o príncipe Dimitri. Ainda noutros belos papéis admiramos Júlia Faye, Teodoro Kosloff e Robert Edesen. Êste filme esteve no écran durante vinte semanas seguidas no Capitol de Nova York, a maior sala do mundo.

* * *

«Paname» de Francis Carco é um filme que fica nos anais do cinema. A razão?... A quantidade de acontecimentos graves que tem ocasionado. Esta obra

de intensa visão moderna, dirigida por L. Malikoff e super-visada por Marcel L'Herbier, anunciava-se destinada a um grande sucesso. Mas morreu um dos artistas principais antes de terminar o seu papel; depois Jacque Câtelain, chamado por outro contracto abandonou o

Mocidade por mocidade: era a linda princêsa que devia sofrer o supplicio...

protagonista e foi filmar «Ex-voto» de Lucie Delarue Mardrus, só voltando a acabar «Paname» muitos meses depois. Depois ainda, certa questão retumbante obrigou o russo Malikoff a abandonar os estudios franceses e a acabar o filme nos teatros da U. F. A. de Berlim. Acabou-se por fim o malfadado filme. Malikoff reuniu o negativo, cortou-o e mandou proceder à tiragem da cópia do trabalho. Pois .. o negativo, reunindo em sua fragilidade todo o trabalho, tôdas as canceiras, os desgostos e o dinheiro dos realizadores, sofreu um acidente irremediável: ardeu por completo. Tudo baldado! «Paname» não verá a luz do écran!!

▪ ▪ ▪

É voz corrente entre certos moralistas pouco cultos que o cinema é o mais importante agente de desenvolvimento da criminalidade. É uma asserção gratuita e que a acreditar-se faria pensar que antes de surgir no mundo o maravilhoso invento da fotografia animada, não havia nem grandes crimes, nem grandes bandoleiros, nem roubos misteriosos! Também os maus instintos nasceram, julgamos, com o homem e não com o cinema. Mas admitindo que a asserção calumniosa se refere apenas ao incentivo que o cinema presta à criminalidade, vejamos os resultados oficiais a que se chegou na puritaníssima Inglaterra. Verificou-se que os casos criminais entre menores freqüentadores de cinemas foram em 1917, 51.000, tendo 2600 cinemas abertos. Em 1922 já se registaram apenas 31.000 casos criminais para 2750 salas cinegráficas e em 1925 os casos passaram a ser apenas 27.800 tendo dado espectáculos 3.900 cinemas públicos. Eis um feixe de números bem eloqüente. Quer isto dizer que não deve haver uma fiscalização e rigorosíssima de tais espectáculos? Nunca!... A relação das exibições cinematográficas deve aumentar mas no sentido de as tornar artísticas, cheias de beleza, que é a mais sugestiva das educações mentais e morais.

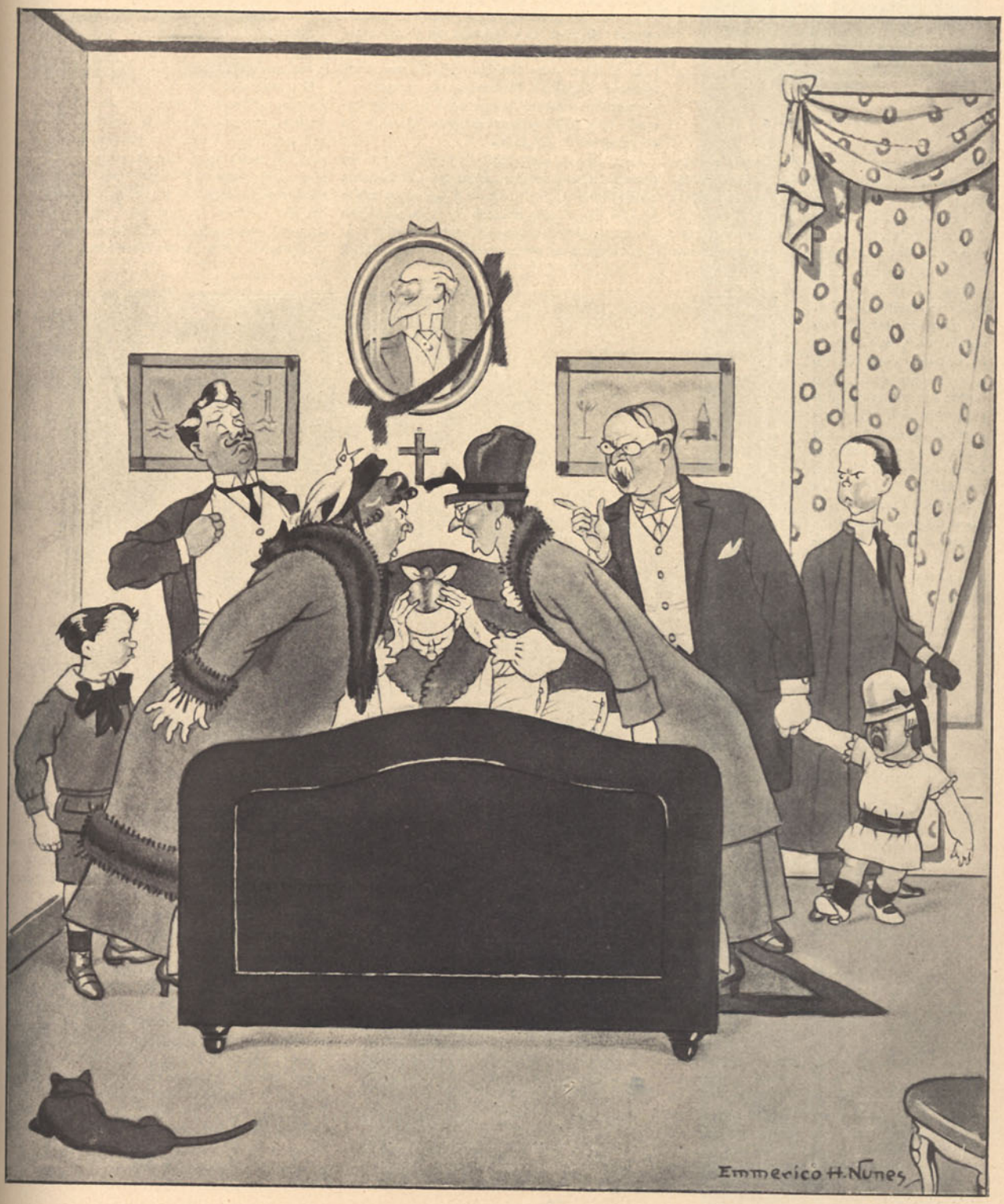
▪ ▪ ▪

Além da Jeanne d'Arc, de H. Dupuy Mazuel ou Jean Joseph Frappa (não está decidido qual o argumentista) e que será realizada por Marco de Gastyne para as produções Natan, anunciam-se mais realizações do mesmo motivo histórico-religioso, uma de Charles Th. Dreyer, o realizador de «Amo e Senhor» e outra de George Pitoeff que debutaria no cinema, tendo com o intérprete principal Ludmilla Pitoeff também debutante no écran.

Théodor, condenado à morte, atado à sumptuosa grade, disse então o seu grande amor...

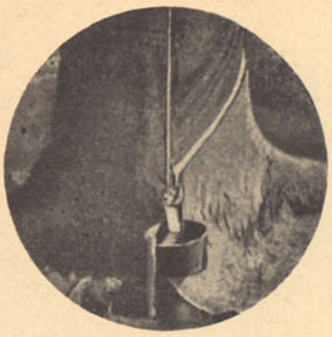
OS HERDEIROS

(Desenho de Emmerico Nunes)



A MORIBUNDA: — *Se êles me deixassem, eu deixava-lhes alguma coisa, em testamento!...*

A BORRACHA



Processo de colhêr o látex

Quando os portugueses e os espanhois tomaram contacto íntimo com os índios da América, notaram que êstes usavam nos seus jogos umas bolas que, no dizer de um padre da Companhia de Jesus, saltavam, quando as deixavam caír, atingindo pontos mais altos do que aquele onde a mão as largava. Era a borracha. Condamine, viajando na América do Sul, na primeira metade do século XVIII, enviou para França uma nota sôbre o extranho produto, que o tornou conhecido na Europa Central. Explicou como êle se obtem dumas árvores, a que os naturais do país chamam Heveas, por incisão da sua casca donde sai uma resina branca como leite. Essa resina endurece e enegrece espontâneamente, caminhando essa modificação da periferia para o centro, e à resina solidificada chamam cautchuc. Os indígenas cobrem com ela moldes de barro em forma de garrafas; depois, quando a resina se tornou dura, quebram o molde e assim obteem garrafas que se não quebram e que são mais leves que as de vidro.

Há várias plantas produtoras de borracha, mas a principal é a *Hevea brasiliensis*. O cautchuc das variedades estimadas, por exemplo o do Pará, obtinha-se antigamente da seguinte forma: O Estado arrendava a empreiteiros extensos territórios florestais. Os empreiteiros falavam a ranchos de trabalhadores, a quem forneciam alimentos e ferramentas, e cada rancho tomava à sua conta a exploração dum eito ou estrada de 100 a 150 árvores. Ao nascer do sol começavam incisando a casca das árvores, em forma de V, por meio de um machado, ligando ao pé da árvore uns pequenos recipientes destinados a receber o suco que ia escorrendo da incisão. À tarde reabriam essas incisões para realizar nova colheita e o mesmo faziam durante uma semana. Na semana seguinte praticavam nova incisão em outros pontos da casca, até cada árvore ter sofrido umas 20. Calculando na média de 45 litros de látex o produto de cada incisão em 150 árvores, vê-se que a colheita total duma «estrada» orçava por 900 litros daquela substância.

Este látex era lançado em recipientes pouco profundos. Mergulhando então nele uma grande espátula de madeira terminada em disco, aquecida ao lume, e tirando-a depois, vinha agarrada ao disco uma camada de látex que prontamente coagulava. Novamente se mergulhava a espátula, repetindo a operação até estar formada uma bola de borracha com cêrca de 30 centímetros de diâmetro.

Hoje, em que a produção de borracha provém principalmente de plantações que se cultivam esmeradamente, substitui-se freqüentemente a incisão em V pela ablação duma estreita zona de casca, interessando obliquamente cêrca da quarta parte da circunferência do tronco. Essa operação repete-se cotidianamente, sendo a nova incisão sempre em nível inferior ao da que a precedeu. O látex é recebido numa cânula de metal que o leva a pequenos reservatórios de porcelana ou de vidro.

O trabalho de coagulação também teve modificações: Dilui-se o látex e tiram-se-lhe as impurezas, juntando-lhe préviamente um anti-coagulante, como o sulfato de amónio, para tornar possíveis essas operações. A coagulação faz-se depois empregando o ácido acético, e maquinismos especiais dão à borracha as formas com que ela aparece nos mercados. Modernamente teem-se empregado ainda outros processos: a secagem do látex numa atmosfera sôbreaquecida, de que resulta uma massa esponjosa, e a utilização do látex sem coagulação prévia.

Uma plantação de *Heveas*

Sangrando uma árvore

A indústria do cautchuc só começou a adquirir desenvolvimento quando se descobriu a vulcanização do produto. Os primeiros tecidos impermiáveis, fabricados de cautchuc não vulcanizado, deteriorisavam-se com o calor do sol e tornavam-se rígidos a temperaturas baixas. Nestes últimos tempos, com o enorme gasto em pneumáticos de automóveis, a indústria da borracha tomou grande incremento. O consumo mundial que, em 1900, andava por 54.000 toneladas, atingiu 560.000 toneladas em 1925, número superior à produção do mesmo ano.

As primeiras plantações de borracha foram tentadas em Ceilão e na Birmânia. Depois espalharam-se nas possessões inglesas e holandesas da Malásia. Hoje são estas as maiores fornecedoras dos mercados, sendo a borracha das florestas do Brasil em quantidade muito menor do que a obtida das plantações.

F. MIRA.

O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle

(Continuação do n.º 32)

— Que importa que abramos já ou daqui a sete minutos? Tudo isto faz parte dum sistema de charlatanismo que, pêza-me dizê-lo, já deu classificação ao seu autor.

— Isso não impede — replicou lord Roxton — que joguemos conforme as regras. Nós estamos aqui por vontade de Challenger e para fazermos uma demonstração que o interessa; convém, portanto, que sigamos à letra as suas instruções.

— Linda cousa, sim, senhores! — exclamou, amargamente, o professor. — Já em Kesington eu tinha achado o caso bastante estupido, mas aqui ainda me parece mais. Eu não sei o que está dentro dêsse sobrescrito, mas afirmo que é preciso que seja alguma cousa de muito preciso e definido para que eu não ceda à tentação de tomar lugar no primeiro barco, que desça o rio e ir embarcar ao Pará, no *Bolivia*. É que eu tenho mais que fazer do que andar a correr mundo para desmentir patacoadas! Vamos, Roxton, deve ser a hora.

— É a hora — disse lord Roxton. — Pode tocar o apito...

Pegou no sobrescrito, abriu-o com o canivete e tirou de dentro uma fôlha de papel, que desdobrou e estendeu em cima da mesa. A fôlha de papel estava em branco. Voltou-a, mas também no outro lado não havia nada escrito. Olhá-mo-nos, interdi-tos, num silêncio que o riso do professor Summerlee quebrou:

— É uma confissão completa! — exclamou êle. De que precisam mais? O mistificador denuncia-se a si mesmo. Nada mais nos resta do que regressar a Inglaterra, para o executarmos.

— Tinta invizível... — sugeri eu.

— É pouco provável — disse Lord Roxton, pondo o papel contra a luz. — Não, meu rapaz, é inútil estar a gente a querer iludir-se. Afirmo que nunca foi escrita uma palavra nesta fôlha de papel.

— Posso entrar? — interrogou uma voz da varanda.

A sombra dum corpo pesadão cortára a faixa de sol que entrava pela porta. Aquela voz! Aquela monstruosa largura de ombros! Levantámo-nos, sufocados de surprêsa e vimos Challenger, com um grotêsco chapelinho de palha, de menino, guarnecido duma fita multicôr, as mãos nos bolsos do casaco, os pés metidos nuns elegantes sapatos de lona, plantado entre as ombreiras da porta. Deitando a cabeça para trás, olhou-nos com a habitual insolência, escorrendo-lhe das pálpebras semi-cerradas.

— Receio — disse êle, consultando o relógio — ter chagado com alguns minutos de atrazo. Para falar com franqueza, ao dar-lhes aquele sobrescrito eu não julgava que o chegassem a abrir, porque me propunha juntar-me aos senhores antes da hora. Um piloto desastrado, conjurado com um intempestivo banco de areia, ocasionou êste atrazo, que eu deploro e que — aposto — deve ter induzido em blasfêmia o meu colega Summerlee!

— Sem dúvida, meu caro senhor — respondeu lord Roxton com uma certa severidade — a sua chegada alivia-nos dum grande pêso, porquanto a nossa missão me parecia prematuramente terminada, mas, por vida minha, não posso perceber por que razão procedeu o senhor para conôsco duma forma tão singular.

Sem responder, Challenger entrou, apertou-nos a mão, a mim e a lord Roxton, inclinou-se diante de Summerlee com uma impertinente gravidade e deixou-se cair sôbre uma cadeira de vêrga, que gemeu sob o seu pêso.

— Está tudo pronto para a viagem? — inquiriu êle.

— Podemos partir ámanhã.

— Então, partamos. Sirvo-lhes de guia, o que constitui para os senhores uma inestimável vantagem. A mim mesmo prometera que seria eu proprio quem presidiria às investigações, que os senhores se propõem fazer e, portanto, não havia necessidade de instruções. Concordam, certamente, em que por mais pormenorisadas que elas fôssem pouco valeriam em comparação com a minha inteligência e a minha experiência. Pelo que respeita ao sobrescrito lacrado, se lancei mão dêsse estratagema foi para me escapar à desagradável pressão, que os senhores decerto não deixariam de fazer sôbre mim, para me obrigarem a partir na sua companhia.

— Pela parte que me diz respeito — atalhou cordealmente Summerlee — o senhor nada teria a temer da minha companhia, emquanto houvesse outro navio, além do seu, em que se atravessasse o Atlântico!

Challenger sacudiu a réplica com um simples gesto da sua grande mão cabeluda.

— Estou certo de que o seu bom senso, meus senhores, aprovará o meu procedimento. Agora estão em boas mãos e hão de chegar seguramente a bom têrmo. Desde êste momento assumo o comando da expedição e peço-lhes que completem esta noite os seus preparativos, para que possamos partir ámanhã, cêdo. O meu tempo é precioso e talvez o dos senhores, ainda que em menor grau, o seja também. É por isso que eu quero conduzir as coisas tão ràpidamente quanto possível, até que os senhores consigam vêr o que querem.

Lord Roxton havia fretado uma lancha a vapor, em que deviamos subir o rio. Pelo que dizia respeito à temperatura, pouco importava a época que escolhessemos para a nossa expedição, porque tanto de inverno como de verão, o termómetro oscila entre setenta e noventa graus, sem diferença apreciável. Mas em Dezembro começa a estação húmida, que só termina em Maio.

A chuva cai, o rio engrossa, sobe lentamente até cêrca de quarenta pés acima do nível das águas médias e, passando sôbre as margens, converte numa lagôa todo o imenso território, conhecido na região pelo nome de Gapo e que é, na sua quási totalidade, demasiadamente pantanoso para que possa atravessar-se a pé e pouco profundo para permitir a navegação. Por alturas de Junho as águas começam a descer, voltando à estiagem em Novembro e Dezembro. Assim, a nossa expedição partia na estação sêca, no momento em que o rio e os seus afluentes estavam mais ou menos nas condições normais.

O Amazonas tem uma corrente fraca, porque o declive do seu leito não ultrapassa oito polegadas por milha. Nenhum rio melhor se presta à navegação do que êste, em virtude de geralmente nêle dominar o vento de nordeste, de maneira que os barcos à vela não teem mais do que deixarem-se levar pelo vento até à fronteira do Perú. No nosso caso, como as poderosas máquinas do *Esmeralda* podiam desdenhar da resistência preguiçosa da corrente, iamos avançando como se cortassemos um lago imóvel. Durante três dias subimos na direcção de noroeste. Era tal a largura do rio, a mais de novecentas milhas

— Posso entrar? — interrogou uma voz da varanda

da sua foz, que as duas margens, vistas do meio da corrente, se reduziam a duas linhas de sombra sôbre o horisonte longinquo.

Ao quarto dia da nossa partida de Manaus, tomámos por um afluente, pouco mais estreito, na confluência, do que o próprio rio, mas que para o interior estreitava ràpidamente. Emfim, ao cabo de dois dias de viagem, chegámos a uma aldeia índia, onde o professor insistiu por que desembarcassemos e mandassemos embora o *Esmeralda*, porque, explicava êle, estavamos próximos das cachoeiras e o nosso barco tornava-se inútil.

Confidencialmente acrescentou que estavamos quási no limiar do país desconhecido e quanto menos gente metessemos no nosso segrêdo melhor. Tivemos que dar-lhe a nossa palavra de honra de que não cometeriamos nenhuma indiscreção acêrca da nossa viagem, tendo êle exigido do pessoal que nos acompanhava, sob juramento, um compromisso idêntico.

Não se admirem, portanto, de que nestas cartas eu guarde sôbre certas coisas uma tal ou qual reserva. Se de alguns mapas ou diagramas as fizer acompanhar, devo desde já prevenir que as relações dos lugares entre si podem ser certas, mas não as suas posições, que propositadamente baralhei para desencorajar futuras pesquisas. Ignoro que razões tem Challenger para assim se envolver em mistério, mas, sejam ou não justificadas, êle não nos permite discuti-las e mais fácil seria êle abandonar-nos imediatamente do que modificar as condições a que subordinou a sua presença entre nós.

Foi a 2 de agosto que, separando-nos do *Esmeralda*, rompemos o derradeiro laço que nos prendia ao mundo, há já quatro dias. Alugámos aos índios dois barcos, de tão ligeira construção, feitos de bambus e de peles, que podemos perfeitamente transportá-los por terra, ao contornarmos os obstáculos. Carregámos os barcos com tôda a nossa bagagem e alugámos os serviços de mais dois índios que, parece, são os que acompanharam Challenger na sua primeira viagem. A idea de recomeçar o mesmo itinerário parece aterrá-los, mas o chefe da tribu exerce nesta região uma autoridade patriarcal e quando julga que o negócio é bom e vantajoso, o homem contratado não tem voz activa.

— Amanhã, desapareceremos no mistério. Envio, por um barquito, estas fôlhas de papel que — quem sabe? — serão portadoras do nosso último pensamento para aqueles a quem a nossa sorte interessa. Conforme combinámos, é a si que as endereço, meu caro sr. Mc Ardle. Entrego-lhas: risque-as, corte-as, modifique-as, faça delas o que lhe aprouver.

A confiança do professor Challenger, a pesar do scepticismo tenaz de Summerlee, garante-me que êle há-de demonstrar o fundamento das suas declarações. Sem dúvida nenhuma, estamos em vésperas de notáveis acontecimentos.

...se não fôsse a grande fôrça do negro certamente o teria crivado de golpes

CAPÍTULO VIII

NO LIMIAR DO MISTÉRIO

Que os nossos amigos de Inglaterra se alegrem: atingimos quási o nosso fim ou pelo menos verificámos já, até certo ponto, a verdade do que Challenger afirma. Não escalámos ainda o planalto, mas estamos já diante dêle. O professor Summerlee está já um pouco convencido. Continua a não admitir, nem por um momênto, que o colega possa ter razão, mas já não se obstina tanto no seu sistema favorito de levantar incessantemente objecções: agora observa e cala-se. Mas voltando ao ponto em que fiquei, retomo o fio da narrativa. Um dos índios, porque se feriu, vai deixar-nos: confiar-lhe-ei esta carta, não sem preocupações pelo que lhe acontecerá.

Estavamos, quando terminei a última carta, na aldeia índia, onde nos levara o *Esmeralda*, prontos a metermo-nos ao caminho. Tratemos primeiro e ràpidamente das noticias desagradáveis. Passo por alto sôbre as eternas altercações dos dois professores e abordo a primeira contrariedade grave, que nos proporcionou o nosso pessoal. A cena passou-se esta noite e pouco faltou para que fôsse bem trágica. Falei já de Gomez, aquele dos dois mestiços que fala bem inglês: é trabalhador, serviçal e prestável, mas, segundo me parece, é muito curioso, defeito comum de todos os indivíduos da sua espécie. Zambo, o nosso terrível negro, que a uma fidelidade de cão reune o ódio de raça pelos mestiços, julgou surpreender Gomez, escondido por detrás da barraca, onde estavamos reunidos a combinar os nossos planos. Agarrou-o e arrastou-o à nossa presença, mas Gomez puxou da navalha e se não fôsse a grande fôrça do negro certamente o teria crivado de golpes. A cena acabou por uma repreensão e pela reconciliação forçada dos dois contendores. Esperamos que a questão fique por ali.

Quanto às disputas dos dois sábios, são contínuas e aspérrimas, para o que contribui ser Challenger muito provocador e ter Summerlee sempre uma resposta acerada, o que agrava sensìvelmente as coisas. A noite passada, em conversa, Challenger declarou que, quando passeava pelos cais do Tamisa, gostava mais de olhar para a nascente do rio do que para a margem, pois não pode ver sem melancolia o seu fim possível, porque Challenger está convencido de que lhe está reservada uma sepultura em Westminster-Abbey. Summerlee, com um sorriso azêdo, replicou que julgava que a prisão de Willbank tinha sido demolida. Challenger é bastante vaidoso para que um remoque possa atingi-lo. Limitou-se a sorrir, por entre a barba e a dizer: «Sério? Sério?» no tom de piedade com que falaria a uma criança. E com efeito os dois não passam de verdadeiras crianças, um implicante e dissecado, o outro arrogante e formidável, mas cada um dêles dotado dum talento, que lhes marcou lugar entre os primeiros homens de sciência. Talento, carácter, alma... só com a continuação de viver se percebe como são três coisas bem distintas.

O dia seguinte foi para a nossa expedição uma data decisiva. Tôda a bagagem cabia à vontade nos dois barcos, tendo ficado, é claro, os dois professores separados um do outro. Eu fiquei com Challenger, que parecia mergulhado em beatitude, movendo-se como em êxtase, silencioso, o rosto transparecendo benevolência. Se eu lhe não conhecesse outros aspectos, admirar-me-ia quando o visse explodir, como me admiraria de sentir trovejar num céu sereno. Com êle não pode a gente estar tranqüila nem aborrecer-se, porque se está constantemente à espera duma daquelas suas bruscas mudanças de disposição de espírito.

Durante dois dias subimos uma ribeira importante, de algumas centenas de jardas de largo, cuja água negra era suficientemente transparente para nos permitir ver-lhe o fundo.

Metade dos afluentes do Amazonas apresentam esta mesma particularidade, sendo os restantes constituidos por uma água esbranquiçada e opaca. Êste fenomeno tem origem na natureza dos terrenos que os rios atravessam e deve-se ao facto de arrastarem nas suas águas detritos vegetais ou argila. Por duas vezes encontrámos cachoeiras e tivemos de transportar, para as rodear, os nossos barcos num percurso de cêrca de meia milha, operação que, de resto, se levou a cabo sem grande dificuldade. A floresta é acessível ao longo das margens, mas mesmo assim é imponente de mistério e de solenidade inolvidável! A altura e a grossura dos troncos ultrapassam tudo quanto a minha imaginação citadina poderia conceber. A enorme altura a que se levantam aquelas magníficas colunatas, mal distinguiamos — entrelaçado dos ramos e o cimo da escura abóbada, trespassada, aqui e acolá, pela deslumbrante flecha dum raio de sol. Como avançavamos sem ruído sôbre um chão atapetado de vegetais em decomposição, sentiamo-nos oprimidos por aquele silêncio, que pesa sôbre a alma quando se visita Westminster e até a respiração forte de Challenger ia enfraquecendo, até se reduzir a um simples murmúrio. Se eu fôsse só através da floresta, ficaria desconhecendo o nome daquelas espécies gigantescas, mas a companhia dos dois sábios fez-me conhecer tôda a infinita variedade de árvores e plantas que dão a êste continente foros do maior fornecedor de produtos vegetais de todo o mundo, ao mesmo tempo que é o que menos produtos de origem animal fornece.

Nenhum movimento animal perturbava a paz que reinava ao nosso redor, mas enquanto avançavamos sentiamos por sôbre as nossas cabeças uma agitação contínua, que denunciava a presença duma numerosa quantidade de serpentes, de macacos e de pássaros, que viviam lá em cima, ao sol, e que estavam vendo, surpreendidos, os nossos vultos, pequenos e cambaleantes, movendo-se num abismo de trevas. Ao romper do dia e ao pôr do sol, os macacos gritadores ensurdeciam-nos com os seus guinchos e os periquitos com a sua chiadeira, mas durante as horas quentes do dia só se ouvia o zumbido dos insectos, como o ruído da ressaca numa praia distante e por entre os hirtos fustes, cujas altas fileiras mergulhavam na treva dos cimos, não se notava o menor estremecimento. Uma vez ouvimos passadas que fugiam diante de nós, pesadamente, mas não conseguimos ver que animal era o que fugia e foi êste o único indício de vida terrestre, que nos proporcionou a grande floresta do Amazonas.

Outros indícios, porêm, nos preveniram de que, oculto nos seus refúgios misteriosos, o homem não estava longe. Ao terceiro dia de viagem o ar repercutiu uns singulares ruídos, ritmicos e graves, que caprichosamente iam e vinham, ouvindo-se ora mais perto, ora mais longe, na doçura da manhã serena. Os dois barcos vogavam à distância de poucas jardas um do outro, quando pela primeira vez ouvimos aqueles ruídos. Os nossos índios estavam como que convertidos em estátuas de bronze e enquanto escutavam atentamente, nos seus rostos transparecia o pavor.

— O que é isto? — preguntei.

— São pancadas de tam-tam, — respondeu negligentemente lord Roxton — do tam-tam de guerra. Já tive ocasião de as ouvir.

— Sim, senhor, é o tam-tam de guerra — disse Gomez. — Somos espiados, a cada milha que avançamos, por índios selvagens, mas dos bravos, não dos mansos. Se êles puderem, não nos pouparão.

— Como é que êles nos vigiam? — preguntei eu, explorando com o olhar o espaço imóvel e negro.

O mestiço encolheu os ombros.

— Os índios sabem tudo, lá teem o seu sistema. Observam-nos e correspondem-se entre si por meio do tam-tam. Se êles puderem, não nos pouparão.

Na tarde dêsse dia, que era, segundo vejo no

meu diário, o de 18 de Agosto, seis ou sete tans-tans, pelo menos, soavam em diferentes pontos. Soavam ora apressada ora lentamente, trocando, sem dúvida, entre si, preguntas e respostas. Para as bandas de leste eram pancadas sêcas, espaçadas; para o norte era um rufo valente e sonoro; e assim ia prosseguindo o diálogo dos tans-tans, em que vibrava um pressentimento indizivelmente angustioso e sinistro, que o estribilho do mestiço sintetisava: «Se êles puderem, não nos pouparão». Nem uma fôlha mexia na grande floresta muda. A natureza envolvia-nos no seu manto de serenidade e quietação, mas por entre essa quietação e essa serenidade subia a ameaça do homem. «Se podermos, não os pouparemos», dizia o homem, a leste. «Não os pouparemos, se os apanharmos», confirmava o homem, ao norte.

Os tambores soaram todo o dia e as ameaças, que o seu rufar anunciava, traduziam-nas os rostos dos nossos companheiros índios. O próprio mestiço, por mais tranquilo e fanfarrão que quisesse parecer, mal podia ocultar a sua emoção. Nesse dia fiquei convencido, duma vez para sempre, que Summerlee e Challenger possuiam o mais alto grau da coragem, a coragem do espírito scientífico, que permitiu a Darwin assistir entre os «gaúchos» da Argentina e a Wallace permanecer entre os «caçadores de cabeças» da Malaya. A natureza, misericordiosamente, determinou que o cérebro humano não pudesse pensar ao mesmo tempo em duas coisas diferentes, de maneira que a curiosidade scientífica exclui as preocupações pela segurança pessoal, no espírito dos sábios. Alheios ao inquietante concêrto de tans-tans, absorviam-se na observação da mais pequena ave, do mais insignificante arbusto das margens, com uma atenção viva e loquaz.

As risadinhas sardónicas de Summerlee respondiam ao trovejar rolante de Challenger, ambos tão alheios ao perigo que nos ameaçava, como se um e outro estivessem, pacíficamente, discutindo, sentados no salão de fumo do Club da Sociedade de Saint-James Street. E só como pretexto para discussão se ocuparam dos índios, que faziam ouvir o ameaçador tam-tam.

— Canibais, Miranha ou Amajuaca — disse Challenger, apontando para a floresta na direcção, em que os sons se repercutiam.

— Sem dúvida — respondeu Summerlee. — E, segundo penso, são do tipo mongol e falam uma língua polisintética, como os idiomas de tôdas as tribus indígenas.

— No que diz respeito à língua, o senhor tem tôda a razão — concordou Challenger com indulgência — porque não conheço em todo êste continente senão línguas polisintéticas, mas quanto ao tipo mongol, duvido.

— Parece-me, todavia — retorquiu àsperamente Summerlee — que o mais superficial conhecimento de anatomia comparada é suficiente para nos mostrar que êles são do tipo mongol.

Challenger, conforme o seu costume, inclinou a cabeça para trás, desdenhosamente e por forma que só se lhe via a barba e a aba do chapéu.

— Com efeito, meu caro senhor pode chegar-se a essa conclusão com um conhecimento superficial do assunto, mas já não acontece o mesmo a quem tenha conhecimentos profundos.

Lançaram-se mùtuamente um olhar de desafio, enquanto ao longe ressoava o murmúrio ameaçador: «Se os apanharmos, não os pouparemos».

A noite, fundeámos, servindo-nos de grandes pedras na falta de âncoras, no meio do rio e tomamos as nossas providências para qualquer ataque eventual. Mas nada de anormal sobreveiu. Ao romper do dia recomeçámos a viagem e o som do tam-tam foi-se lentamente sumindo, na nossa rectaguarda. Às três horas da tarde atingimos uma grande cachoeira, de mais de uma milha de extensão, a mesma que tinha ocasionado o desastre que Challenger sofreu, quando da sua primeira viagem. Confesso que a vista desta cachoeira foi para mim muito agradável porque, antes que outra qualquer prova se produzisse, ela corroborava já em parte a descrição que Challenger me fizera. Os índios transportaram os barcos vazios, depois a carga, através do mato, que é muito espesso neste sitio, enquanto eu e os meus companheiros brancos, armados com as nossas carabinas, os protegíamos contra qualquer perigo que pudesse surgir da floresta.

Nem uma fôlha mexia na grande floresta muda

Antes de anoitecer, passámos muitas outras cachoeiras e quando novamente fundeámos, o Amazonas, segundo os meus cálculos, devia ficar-nos já a cem milhas para trás.

No dia seguinte, muito cedo, realizou-se aquilo a que chamarei a grande partida. Desde o alvorecer que Challenger, excessivamente nervoso, inspeccionava minuciosamente as duas margens. Subitamente, soltou um grito de alegria e, mostrando-me uma árvore isolada, que se erguia numa das margens:

— O que lhe parece aquilo? — preguntou.

— Que é uma palmeira Assai, — disse Summerlee.

— Exactamente, uma palmeira Assai, que é ao mesmo tempo o marco fronteiriço do meu domínio. Mas não lhe procurem a entrada, porque aqui o mistério chega ao prodígio o nenhuma clareira assinála essa misteriosa entrada. E lá adiante, a algumas milhas para além da ribeira, entre os espessos tufos de algodoeiros, no sitio em que o verde claro dos juncos sucede ao verde carregado do mato, que está a minha porta secreta, que dá para o desconhecido. Partamos e compreenderão tudo.

Atingimos o sitio onde vegetavam os juncos e em seguida, tendo navegado à vara algumas jardas, chegámos a um outro curso de água, pouco profundo, que deslisava, plácido e transparente, sôbre um leito de cascalho. As suas margens, distando cêrca de vinte jardas uma da outra, eram bordadas duma vegetação luxuriante.

Era uma região maravilhosa aquela que iamos atravessando, como nunca a imaginação humana poderia conceber. As altas ramagens, cruzadas e entrelaçadas, formavam por cima das nossas cabeças um túnel de verdura, sob o qual corria a ribeira, já de si tão bela e mais aformoseada ainda pelas cambiantes de luz que, caindo do alto, se filtrava e a doçava através da ramaria. Límpida como o cristal, lisa como um espelho e verde como a aresta dum *iceberg*, a ribeira prolongava indefinidamente diante dos nossos olhos o seu túnel de folhagem e a cada mergulho dos nossos remos a sua superficie brilhante e lisa encrespava-se em milhares de rugas. Era bem uma avenida apropriada para nos conduzir a um país de maravilhas. Nenhum indício traia a presença do homem nestas paragens, mas os animais pululavam, mostrando-se com uma tal familiaridade que bem se percebia por ela que desconheciam o que fôsse um caça dor. Macaquinhos, que pareciam feitos de veludo negro, com uns dentinhos muito brancos e brilhantes e uns olhitos trocistas, tagarelavam coisas incompreensíveis, quando passavamos. De vez em quando, um jacto de água que espadanava, denunciava o mergulhar dum jacaré, que a nossa aproximação espantava. Um tapir, durante um curto instante, deteve-se a espreitar-nos por uma brecha do mato, mas logo se afastou, num trote pesado e grotesco, embrenhando-se na floresta. Doutra vez, o vulto sinuoso dum puma atravessou ràpidamente o silvado e o relâmpago dos seus olhos verdes por um momento brilhou, sinistramente, fitando-nos por cima da espádua fulva.

As aves abundavam, principalmente as aves aquáticas — cegonhas, garças e ibis — reunidas em pequenos grupos, uns azuis, outros vermelhos ou brancos, nos troncos que se projectavam sôbre a ribeira. Milhares de peixes, de formas e de côres infinitamente variadas, animavam a água.

Durante três dias navegámos sob êste túnel de verdura, crivado de flechas de luz e tão extenso que, olhando-se em frente, não se podia vêr, ao longe, onde acabava a água verde e começava o verde docel que a cobria. A profunda paz que ao redor reinava continuava a não ser perturbada por qualquer ruido, que revelasse a presença do homem.

— Não há indios, por aqui — esclarecia Gomez — Teem mêdo de Curipiri.

— Curipiri — explicava lord Roxton — é o espirito das florestas. O mesmo nome serve tambêm para designar tôda a espécie de diabos. Os pobres indigenas crêem que existe por aqui algo de terrivel e por isso evitam freqüentar êstes sitios.

No terceiro dia tornou-se evidente que não poderiamos continuar a subir a ribeira, que pouco a pouco ia perdendo em profundidade, e cujo fundo já por duas vezes tocáramos com os nossos barcos. Puxámos as embarcações para o mato e passámos a noite acampados na margem. De manhã, eu e lord Roxton, fizemos um reconhecimento de cêrca de duas milhas, através da floresta, seguindo paralelamente à ribeira e como a sua profundidade ia diminuindo sempre, voltámos para trás certos de que, como já Challenger pressentira, atingiramos o estremo navegável da ribeira. Transportámos para terra os barcos e escondemo-los no sitio mais denso da floresta e para reconhecermos o lugar fizemos um sinal numa árvore, com um machado.

— Professor Summerlee — respondeu êle — dou essas ordens como chefe da expedição.

— Pois sou forçado a declarar-lhe, meu caro senhor, que êsse titulo que se arroga é muito contestável.

— Sério?

E Challenger, saudando o colega com profunda ironia, acrescentou:

— Pois então era um favor que me fazia se definisse a minha situação.

— A sua situação é a dum homem cujas afirmações nós vamos verificar. Nós somos para o senhor uma comissão de verificação. O senhor acompanha os seus juizes, eis tudo.

— Nesse caso — disse Challenger, sentando-se na borda de um barco — parece-me que acharão muito natural que eu os deixe continuar o seu caminho e que os siga com todo o meu vagar. Desde que não sou o chefe da expedição não esperem que eu a conduza.

Felizmente, estavam ali dois homens sensatos, lord Roxton e eu, para impedir que a casmurrice de dois sábios nos obrigasse a voltar para Londres com as mãos a abanar.

Macaquinhos, que pareciam feitos de veludo negro, tagarelavam coisas incompreensiveis

Mas quantas razões, quantas explicações, quantos argumentos foi preciso empregar para os levar a uma composição! Por fim lá se dignaram pôr-se em marcha. Summerlee escarnicando e a mordiscar o cachimbo, Challenger a rebolar-se e a resmungar. Por essa ocasião percebemos que os dois sábios nutriam igual aversão pelo dr. Illingworth, de Edimburgo e esta descoberta foi a nossa salvação. Sempre que a situação entre os dois se tornava demasiado tensa, bastava-nos para a normalizar, pronunciar o nome do zoólogo escossês, porque sobrevinha imediatamente, a reconciliação por efeito do ódio comum.

Fomos seguindo, a um de fundo, ao longo da ribeira e em breve verificámos que esta estreitava cada vez mais, tornando-se num insignificante regato, que se perdia num grande pântano coberto dum musgo esponjoso, em que nos enterrávamos até aos joelhos. Mosquitos e outros insectos voadores das piores espécies formavam sôbre o pântano uma nuvem sonora. Foi, portanto, com um certo prazer que voltámos a pisar terreno firme, contornando, sob a floresta, o pântano que, a distância, ressoava como um órgão.

A dois dias de marcha do ponto em que deixaramos os barcos, mudou o aspecto da região. Começámos a subir e a floresta, à medida que iamos subindo, ia perdendo a sua superabundância tropical. As enormes árvores das planicies de aluvião do Amazonas cediam o lugar às «phœnix» e aos coqueiros, que se erguiam aos grupos, aqui e ali, por entre o mato pouco espesso.

Orientavamo-nos unicamente pela bússola. Duma vez a opinião de Challenger sôbre a direcção a seguir foi contraditada por um dos indios e nós concordámos em, segundo as próprias palavras do indignado professor, «fazer prevalecer o instinto falaz dos selvagens sôbre a mais autorizada opinião da cultura europeia moderna».

Bem andámos nós, procedendo assim, porque a partir do dia seguinte, Challenger começou a reconhecer muitos dos sinais que notára na sua primeira viagem e assim alcançámos um sitio onde quatro pedras ennegrecidas pelo fogo indicavam ainda um antigo acampamento.

O caminho cada vez subia mais. Levámos dois dois dias a trepar uma encosta rochosa. A vegetação mudára novamente, só se vendo a árvore de martim e uma profusão enorme de máravilhosos fetos. Os regatos numerosos que murmuravam, rolando sôbre os seixos, marginados de fetos, conduziam-nos em cada noite a magnificos lugares para estabelecermos o nosso acampamento, à beira de qualquer lagozinho semeado de rochas, onde numerosos cardumes de peixinhos azulados, parecidos na forma e no tamanho com as trutas inglesas, nos forneciam uma ceia saborosa.

Ao nono dia, depois do desembarque, tendo já andado, segundo o meu cálculo, cêrca de cento e vinte milhas, começámos a deixar para trás as árvores, que pouco a pouco se iam reduzindo a arbustos, para entrarmos numa floresta de bambus tão densa que tivemos de abrir caminho através dela com foices e com os *machetes* dos indigenas. Tivemos de caminhar durante todo o dia, desde as 7 horas da manhã até às 8 da noite, para nos livrarmos dêste obstáculo, atravessando-o. Não se pode imaginar a acabrunhante monotonia dêste trajecto. Nas clareiras mais vastas a vista não alcançava além de dez a doze jardas, mas quási sempre, durante êsse trajecto, o meu horizonte se limitou ao casaco de cotim branco de lord Roxton, à minha frente, e para os lados, à distância dum pé, ao eterno muro amarelo dos bambus.

Uma delgada rêstea de sol deslisava lá de cima, por entre as hastes, cujos penachos de fôlhas se balançavam sôbre o azul do ceu, cincoenta pés acima das nossas cabeças. Não sei que espécie de animais incomodámos com a nossa passagem, mas muitas vezes ouvimos perto de nós um galopar, que lord Roxton supôs, pelo ruido que fazia, ser de rebanhos selvagens. Ao anoitecer reentrámos no ar livre e, moidos de fadiga, acampámos imediatamente.

No dia seguinte levantâmo-nos cedo. Nova mudança de scenário. Por detrás de nós erguia-se a muralha de bambus, tão alinhados como se seguissem a margem duma ribeira. Na nossa frente estendia-se uma planicie ligeiramente inclinada, povoada aqui e acolá por tufos de fetos arbóreos e que terminava por uma elevação arredondada. Cêrca do meio dia chegámos ao fim dessa planicie, encontrando em seguida um vale pouco profundo que se ia elevando suavemente até uma linha de colinas. Quando subiamos a primeira delas deu-se um incidente cuja importância me abstenho, + + + enquanto, de apreciar.

O professor Challenger caminhava à frente, com dois dos nossos indigenas. De repente, parou e, muito excitado, apontou para um determinado ponto, à sua esquerda: a uma distância de cêrca duma milha vimos uma espécie de pássaro enorme e escuro batendo lentamente as asas, rente ao chão, voando tão baixo e tão a direito que mais parecia deslizar, acabando por sumir-se entre os fetos.

— Viram-no? — exclamou Challenger, exultando. — Summerlee, viu-o?

Summerlee, com os olhos muito abertos, fitava o local onde o animal desaparecera.

— O que é que o senhor pretende que aquilo fôsse? — preguntou.

— Tudo me leva a crêr que era um pterodactilo.

Summerlee desatou a rir.

— Um ptero... quê? Mas era uma cegonha, como tenho visto tantas!

(Continúa.)

Em seguida distribuimos por todos nós os diferentes fardos, espingardas, munições, viveres e tenda de campanha, as mantas e tudo o mais, pusemos tôda esta bagagem às costas e encetámos então o periodo dificil da nossa viagem.

Os nossos dois intratáveis companheiros inauguraram esta nova fase da jornada com uma disputa lamentável. Desde o dia em que a nós se juntára, Challenger tinha-se encarregado de dar instruções a todo o grupo, o que provocava o descontentamento de Summerlee. Assim, quando desta vez Challenger pretendeu sujeitar o seu colega à simples obrigação de transportar um barómetro aneróide, Summerlee picou-se.

— Permita que lhe pregunte, meu caro senhor — disse êle não podendo conter-se — em nome de quem e a que titulo toma o senhor sôbre si o encargo de dar tais ordens?

Challenger, todo enxofrado, mediu-o de alto a baixo com o olhar.

Vêr, nos n.os 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance

O MUNDO PERDIDO

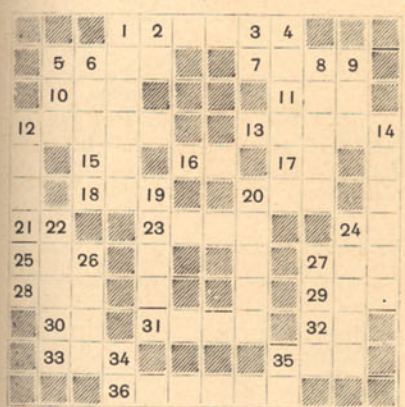
PASSATEMPO

Júlia: — A Georgina gaba-se de possuir jóias de família.
Madalena: — Olha, o anel que o noivo lhe deu, sei eu que já esteve em três famílias antes de vir ter à mão dela.

■ ■ ■

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente:

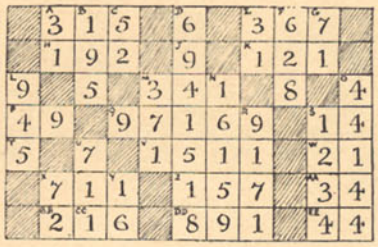
1 Serra muito falada ultimamente. — 5 Palavra latina. — 7 Trabalhoso. — 10 Sultão. — 11 Criminoso. — 12 Quisera. — 13 Seguro. — 15 Duas letras de Eugénia. — 16 Isolado. — 17 Demonstrativo francês. — 18 Nos pássaros. — 20 Advérbio. — 21 Depois de terminar uma carta. — 23 Estrêla. — 24 Rio. — 25 Sofrimento. — 27 Existência. — 28 Numa cadeia. — 29 Pecado. — 30 Tempo de um verbo inglês. — 31 Montanha da Thessalia. — 32 Ande. — 33 Tempêro. — 35 Andavas. — 36 Grande país.

Verticalmente:

1 Um herói da actualidade. — 2 Artigo. — 3 Perversa. — 4 Onde é difícil meter uma lança. — 5 Tio americano. — 6 Lisa. — 8 Afastado da terra. — 9 Em Numancia. — 12 Presta atenção. — 14 Parte de um arreio. — 19 Pelo ar. — 20 De madeira. — 22 Para diversos jogos. — 24 Frutas. — 26 Cidade da Itália. — 27 Divindade da India. — 34 Em Lisboa. — 35 Artigo francês.

NÚMEROS CRUZADOS

(Solução)



Tome-se o grupo de 7 casas no canto superior da direita. A linha horisontal K têm de ser ou 211, ou 112 ou 121 para somar 4. Complete-se o grupo na linha das 3 casas e verão que só a terceira nos ajudará a resolver a *Diagonal (para cima)* CC = 12. Assim podemos escrever nesta 7 números como se vê na dita diagonal. A seguir podemos completar a *Diagonal* F *(para baixo)* escrevendo 4 no cimo da última coluna. Podemos também completar a Diagonal K *(para baixo)* escrevendo os dois 1. Depois completaremos as linhas *Horizontais* S e W e como sabemos que a *Diagonal* EE *(para cima)* soma 8 e ambos os algarismos teem de ser iguais, podemos completar êsse segundo grupo.

Vamos então enchendo as casas da linha *vertical* Y, *horizontal* BB, *vertical* X, *horizontal* X, *vertical* U, *diagonal* L *(para baixo)*, *horizontal* P, *vertical* L, tudo a seguir, e os dois grupos no canto inferior da esquerda ficarão completos. Depois podemos completar a *diagonal* J *(para baixo)*, *diagonal* Z *(para cima)* *diagonal* L *(para cima)*, *vertical* A, *horizontal* A, *vertical* C, *horizontal* H, *vertical* B, *diagonal* H *(para baixo)* *diagonal* X *(para cima)*, *horizontal* M, *diagonal* B *(para baixo)*, *horizontal* Z, *vertical* N, *horizontal* Q, *vertical* R, *horizontal* DD, *horizontal* V, *vertical* D, e tudo ficará completo.

■ ■ ■

Ela: — Não acha que as mulheres faladoras são as mais apreciadas?

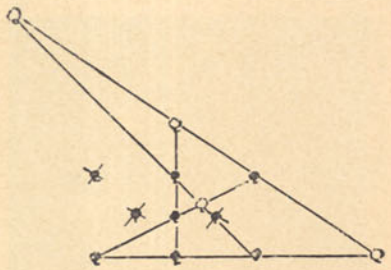
Êle: — Então que outras espécies há?

■ ■ ■

Lá vem o guarda mais o seu cão. Vêem-nos?

A PLANTAÇÃO DO ARVOREDO

(Solução)



As nove árvores pretas no diagrama estão na sua posição primitiva. As três árvores pretas riscadas são as que se hão de transplantar e podem ver-se nos seus novos lugares, juntamente com a décima árvore nova, como quatro árvores brancas.

■ ■ ■

Salazar: — Vi, o outro dia, o Santos. Estava tratando a mulher como eu não trataria um cão.

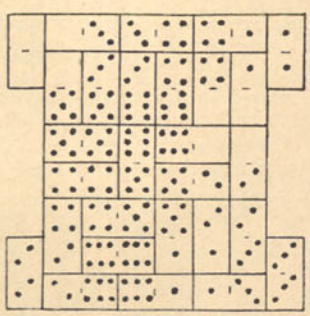
Diogo: — Não me digas isso! Que lhe estava êle fazendo?

Salazar: — Estava a beijá-la.

■ ■ ■

OS QUADRADOS DE DOMINÓ

(Problema)



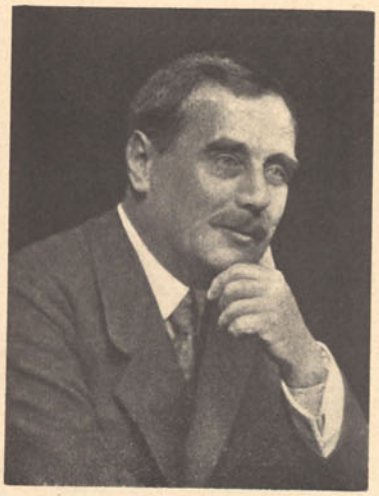
É êste um antigo passatempo francês que nos parece interessante. Trata-se de dispor as vinte e oito pedras de um jôgo completo de dominó da maneira que a nossa gravura representa, formando todos os números uma série de quadrados.

Assim, nas duas filas superiores, vê-se um quadrado de *brancos*, um quadrado de *três*, outro de *quatros* e outro de *ases*; na terceira e quarta filas temos quadrados de *cincos*, de *seis*, de *brancos*, e assim por diante. Esta é, de facto, uma solução perfeita, sob o ponto de vista das condições geralmente impostas, mas o que nós agora pedimos é uma disposição de pedras sem brancos nenhuns do lado de fora. Na que aqui está, todos os números, desde o branco até ao 6 inclusivè, se vêem em qualquer ponto da margem.

Poderão formar uma combinação em que os brancos fiquem todos no centro?

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

H. G. WELLS



Autor de mais de cem obras, produzidas numa trintena de anos e que o consagraram perante todo o mundo culto, Wells é considerado um dos mais altos expoentes da inteligencia universal. Fantasista scientifico, à maneira de Júlio Verne, na sua fase inicial; mais tarde, psicólogo e profundo observador da humanidade; hoje, finalmente, aos 61 anos de idade e no cume do seu talento, revela-se-nos como filósofo da vida. Fundamentalmente estranho ao teor de The Time Machine *e ao de tantas outras das suas antigas novelas, o seu último livro,* The World of William Clissold, *que está sendo objecto de viva discussão, certifica-nos, de flagrante maneira, essa atitude, definitiva, ao que parece, do espirito do grande escritor inglês.*

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

ACREMANT (GERMAINE) — *Gai! Marions-nous* 12 fr.

ANET (CLAUDE) — *La Rive d'Asie.* 12 fr.

AUBAREDE (GABRIEL D') — *L'Ingrat.* 12 fr.

BAILLEHACHE (C.ESSE DE) — *Une hirondelle dans le jungle.* 12 fr.

BAINVILLE (JACQUES) — *Jaco et Lori.* 12 fr.

BOMPARD (JACQUES) — *Le Masque.* 12 fr.

BAEKELMANS (LODE) — *Binettes* (traduzido do flamengo por J.-D. Jacobsohn). 12 fr.

BILLY (ANDRÉ) e TWERSKY (MOISE) — *Le Fléau de savoir.* 12 fr.

BERGE (ANDRÉ) — *L'Amitié indiscrète.* 18 fr.

BRINGER (RODOLPHE) — *Le Pauvre de ces dames.* 7 fr.

CHAMPSAUR (FÉLICIEN) — *Entree de clowns.* 10 fr.

CHENU (CH.-MAURICE) — *Théa* ou *Le Chant de l'alouette.* 12 fr.

CONSTANTIN-WEYER (M.) — *Cinq éclats de silex.* 10 fr. 50.

DELARUE-MARDRUS (LUCIE) — *La Petite Fille comme ça.* 12 fr.

DAYE (PIERRE) — *La Chine est un pays charmant.* 12 fr.

DESTEZ (ROBERT) — *Au bout du monde.* 9 fr.

DEVOLUY (PIERRE) — *La Cévenne embrasée: Le Violier d'amour.* 12 fr.

DELONEY (THOMAS) — *Le Noble Métier.* (Traduzido do inglês por Abel Chevalley). 10 fr. 50.

ESPARBES (GEORGES D') — *La Folie de l'épée.* 12 fr.

FINN, S. J. (R. P.) — Ce garçon de bureau. (Traduzido do inglês pelo Abade Ph. Mazeyer. 6 fr.

FINN, S. J. (R. P.) — *Le Cupidon de Campion Collège.* (Traduzido do inglês por E. Masson). 6 fr.

FOIX (CHARLES) — *Les Bassarides.* 20 fr.

FORMONT (MAXIME) — *Les Trompeuses.* 10 fr. 80.

GILBERT MARION — *Les Masques de l'amour.* 12 fr.

HAN RYNER — *La Vie éternelle.* 12 fr.

HERMANT (ABEL) — *Les Bargain Sisters. Cyril ou le Solitaire. Pour le meilleur et pour le pire.* 10 fr. 80.

JOUVE (PIERRE-JEAN) — *Le Mond désert.* 10 fr.

KUESSAN (MONETTE) — *Croisière autour d'un croiseur.* 10 fr.

LARBAUD (VALÉRY) — *Fermina Marquez.* 10 fr. 50.

LOMBARD (JEAN) — *L'Agonie.* 15 fr.

LANDRE (J.) — *Mlle de Rivère, institutrice.* 12 fr.

LEVY (JACOB) — *Les Doubles-Juifs.* 12 fr.

LE GENTIL (RENE) — *Chez oncle Sam.* 10 fr.

LETRAZ (JEAN DE) — ... *Ou la vie d'une femme.* 10 fr.

MARBO (CAMILLE) — *Hélène Barraux, celle qui défiait l'amour.* 12 fr.

MACHARD (ALFRED) — *Printemps sexuels.* 10 fr.

NAEGELEN (RENÉ) — Les Suppliciés. 9 fr.

ORLIAC (JEHANNE D') — *La fleur d'or, Anacoana.* 9 fr.

PASCAL (ERNEST) — *Le Cygne noir.* 12 fr.

RIBEMONT-DESSAIGNES (G.) — *Clara des jours.* 16 fr. 80.

RENARD (JULES) — *La Maitresse.* 12 fr.

RICHE (DANIEL) — La Féerie voluptueuse. 12 fr.

SANDOR (KEMERI) — *Promenades d'Anatole France.* 9 fr.

SABLEAU (MARCEL) — *Le Charme de sentir.* 10 fr.

THERIVE (ANDRÉ) — *Les Souffrances Perdues.* 12 fr.

VINCENNES (JEAN DE) — *De pauvres vies.* 12 fr.

VOISINS (GILBERT DE) — *Les Miens.*

WELLS (H. G.) — *La Recherche Magnifique.* 16 fr.

ZIWES (ARMAND) e CERTOCINY (FRÉDÉRIC) — *L'Homme qui mourut d'amour.* 12 fr.

ENSAIOS E CRÍTICA

CHAUVIGNE (AUGUSTE) — *Le Jardin Secret de René Boylesve.* 10 fr.

GORKI (MAXIME) — *Notes et Souvenirs.* (Traduzido do russo por Dumesnil de Gramont). 9 fr.

MASSIS (HENRI) — *Raymond Radiguet.* 15 fr.

MAURRAS (CHARLES) — *Prologue d'un essai sur la critique.* 250 fr.

POESIA

VALÉRY (PAUL) — *Charmes.* 15 fr.

FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÕES

BATIGNE (JACQUES) — *Réfutation de quelques objections contre l'Église catholique.* 5 fr.

BLOUET — *Le Néo-Malthusianisme des catholiques.* 3 fr. 50.

CARLETON NOYES — *Le Génie d'Israël.* 50 fr.

JAGOT — *Psychologie de l'amour. Les sens, le cœur, l'idée.* 10 fr.

PIERON (HENRI) — *L'Année psychologique.* 26.ª année (1925) — Bibliothèque de philosophie contemporaine. 70 fr.

REY (A.) — *Le Retour éternel et la Philosophie de la Physique.* Bibliothèque de philosophie scientifique. 12 fr.

STANG (ANDRÉ) — *La Notion de la Loi dans saint Thomas d'Aquin.* 20 fr.

SECÇÃO INGLESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

ADAMS (SAMUEL HOPKINS) — *Revelry.*

BELLINGHAM (CATHAL) — *All men count.*

CAMPBELL (REGINALD) — The King's Enemies.

CARRUTHERS (JOHN) — *A man beset.*

CATHCART (VERA COUNSTESS) — *Men for pieces.*

CROSBIE (MARY) — *There and back again.*

DAVIDSON (JESSIE A.) — *The Return of gloria.*

GLENN (ISA) — *Little Pitchers.*

HARNETT (ST. CLAIR) — *The House of a thousand lamps.*

HEARD (ADRIAN) — *Rose in the mouth.*

HOW (JOHN) — *The Crusader Ring.*

LYNCH (BOHUN) — *Respectability.*

MACMAHON (ELLA) — *Wind of dawn.*

MANNING (DAVID) — *Jim Curry's test.*

MCCUTCHEON (GEORGE BARR) — *Kindling and Ashes;* ou *The Heart of Barbara Wayne.*

NICKALLS (E. PATTESON) — *The Challenge of life.*

PATMORE (BRIGIT) — *This impassioned onlooker.* 5 s. n.

REES (ROSEMARY) — *Life's what you make it!*

RIDGE (W. PETT) — *Hayward's fight.*

SHORT (ERNEST) e RICKETT (ARTHUR COMPTON) — *The hope strange mystery.*

YONG (FRANCIS BRETT) — *Portrait of Clare.*

WHITAKER (HERMAN) — *The tenderfoot and other Stories.*

WOOD (S. ANDREW) — *Winged Heels.* 3 s. 6 d. n.

ENSAIOS E CRÍTICA

MYERS (WALTER L.) — *The later realism: A Study of Characterization in the British Novel.* 10 s. n.

WEST (EDWARD SACKVILLE) — *The Apology of Arthur Rimbaud.* 2 s. 6 d. n.

MEDICINA

ROBERTS (LYDIA J.) — *Nutrition work with children.* 17 s. 6 d. n.

Tôdas as obras desta secção que não levam preço adiante de cada uma delas são a 7 s. 6 d. n.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 22$00	Escudos 44$00	Escudos 88$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	» 25$00	» 50$00	» 100$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	» 27$00	» 54$00	» 108$00
ESPANHA	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESTRANGEIRO	32$00	» 64$00	» 128$00

BERTRAND (IRMÃOS) LDA

OS MAIORES ATELIERS
DE GRAVURA DO PAIS

TRAVESSA
DA CONDESSA DO RIO 27

TELEPHONE TRINDADE 96

TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCOGRAVURA
E DESENHOS

ARTE

LINCOLN

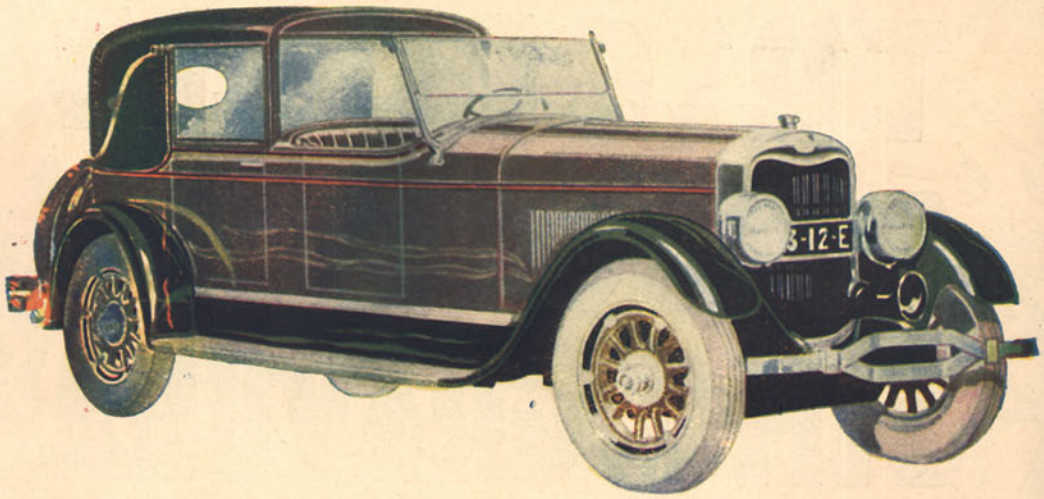
REQUINTE

O requinte de este interior revela-se em todos os seus detalhes; tudo, objectos de grande perfeição legados pela arte e a indústria da antiguidade. É o salão de um amador de arte que conhece e póde escolher entre as creações mais belas do homem.
O «Lincoln» tambem foi criado para aqueles cujo gosto requintado sabe escolher o melhor entre uma multiplicidade de ofertas.

LINCOLN

SALÕES DE EXPOSIÇÃO NAS PRINCIPAIS CAPITAIS DE PORTUGAL E ESPANHA

LISBOA — Orey, Limitada, Rua 24 de Junho, 42
MADRID — Avenida Pi y Margall, 11
BARCELONA — Diputación, 279



AUTOMÓVILES LINCOLN AVENIDA DE ICARIA, 149 BARCELONA